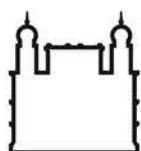


CADERNOS CRIS-FIOCRUZ

PANORAMA DA RESPOSTA GLOBAL À COVID-19



INFORME 14 PRODUZIDO PELO CRIS-FIOCRUZ, SOBRE A SEMANA DE 15 A 22 DE JULHO DE 2020



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Presidência
Centro de Relações Internacionais em Saúde - CRIS



APRESENTAÇÃO

Entramos na 14ª. semana consecutiva de descrição e análise da resposta global à pandemia pela Covid-19, por meio do exame da resposta de instituições e regiões de todo o mundo.

Nesta semana completaram-se 200 dias desde que o primeiro caso de infecção pelo Sars-CoV-2 foi reportado pela China à OMS. Desde então, foram caindo continentes e países e o processo pandêmico atinge hoje todos os continentes, com epicentro ainda localizado nas Américas, mas com importante vetor de crescimento para o continente africano, onde se multiplicam casos e óbitos e onde se localizam exatamente os sistemas de saúde mais frágeis e vulneráveis do mundo.

Realizaram-se no período dois eventos multilaterais de grande envergadura: 1) a reunião anual do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), com participação de todos os países do mundo, que tratou centralmente do impacto da Covid-19 sobre a Agenda 2030 e seus Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, na sede da ONU em Nova York; e 2) a reunião anual do Conselho de Direitos Humanos da ONU, na sede da organização em Genebra. Ambos muito ricos em temáticas e participação ativa de Estados-membro e sociedade civil, verdade que se realizaram virtualmente.

O anúncio global de que pelo menos duas vacinas entram na fase 3 dos estudos clínicos foi uma grande notícia, comemorada em todos os recantos do planeta, demonstrando a importância e a efetividade da cooperação internacional e da solidariedade para o enfrentamento das crises mundiais como esta. A Fiocruz e o Instituto Butantã participam das duas mais importantes iniciativas, demonstrando de forma incontestável a qualidade e o compromisso da ciência brasileira.

Um acontecimento político de grande impacto para o multilateralismo foi o acordo histórico a que chegaram os países integrantes da União Europeia, com a aprovação em Bruxelas de um pacote financeiro solidário de cerca de 750 bilhões de euros, parte a ser distribuído a fundo perdido e parte como empréstimos, particularmente aos países que mais sofreram com a epidemia. A grande protagonista do acordo foi a Chanceler da Alemanha, Angela Merkel, que muito provavelmente entra para a história, porque o acordo vai muito além do que o enfrentamento da pandemia, tornando-se, possivelmente, um verdadeiro renascimento do multilateralismo da EU.

Enquanto isso, o Brasil e os Estados Unidos pagam um alto preço entre casos e mortes pela Covid-19, atribuído em grande parte à desarticulação produzida pelos governos centrais que, a princípio, negavam a gravidade da enfermidade e, depois, foram incapazes de coordenar a resposta. Nesse sentido, Boris Johnson, o *premier* britânico, fez seu *mea culpa*, e pode ser que se salve aos olhos do eleitorado em futuros processos políticos decisivos no seu país. Já para Donald Trump, o futuro se apresenta muito mais incerto e ameaçador, conforme mostram as pesquisas eleitorais divulgadas nos Estados Unidos.

A elaboração do *e-book*, que o Cris vem preparando como ápice do nosso esfoço de descrição e análise do enfrentamento global da Covid-19, vai *de vento em popa*, esperando-se que esteja disponível no mês de setembro, como registro do processo que, a nosso ver, inaugura de fato o século XXI.

Boa leitura a todos e bom fim-de-semana.

Rio de Janeiro, Manguinhos, 23 de julho de 2020.

Paulo Buss e Luiz Eduardo Fonseca

SUMÁRIO

- 4 **RESPOSTA DAS NAÇÕES UNIDAS À COVID-19**
Santiago Alcazar
- 8 **RESPOSTA DA OMS - OPS E EUA À COVID-19**
Luiz Augusto Galvão
- 12 **RESPOSTA DA OEA À COVID-19**
Luana Bermudez
- 13 **RESPOSTA DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS INTERNACIONAIS À COVID-19**
Isis Pillar Cazumbá e Miryam Minayo
- 23 **RESPOSTA DO G20 E DA OCDE À COVID-19**
Luiz Eduardo Fonseca
- 27 **RESPOSTA DOS BRICS À COVID-19**
Claudia Hoirisch
- 28 **RESPOSTA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE À COVID-19**
Sebastián Tobar e Carlos Linger
- 32 **RESPOSTA DA REGIÃO AFRICANA À COVID-19**
Augusto Paulo Silva e Felix Rosenberg
- 34 **RESPOSTA DA EUROPA À COVID-19**
Ana Helena Freire, Letícia Castro e Ilka Vilardo
- 38 **RESPOSTA DA ÁSIA SUDESTE, PACÍFICO OCIDENTAL E ORIENTE MÉDIO À COVID-19**
Lúcia Marques
- 44 **RESPOSTA DA CHINA À COVID-19**
André Lobato

NAÇÕES UNIDAS

Santiago Alcazar

De 6 a 17 de julho de 2020, realizaram-se as seguintes três sessões substantivas do ECOSOC: i) Segmento de Integração, no dia 6; ii) Foro Político de Alto Nível (HLPF) sobre Desenvolvimento Sustentável, de 7 a 16; e iii) Segmento de Alto Nível do ECOSOC (ECOSOC High Level Segment), de 14 a 17.

O Segmento de Integração, sob a Presidência do Representante Permanente da Armênia junto às Nações Unidas, Embaixador Mher Margaryan, Vice-Presidente do ECOSOC, teve como objetivo recolher as proposta do conjunto do sistema das Nações Unidas sobre o tema acordado para este ano, intitulado “Ação acelerada e caminhos transformadores: pôr em marcha a década de ação e de implementação do desenvolvimento sustentável” (*Accelerated action and transformative pathways: realizing the decade of action and delivery for sustainable development*), à luz da crise humanitária provocada pela COVID-19, bem como da necessidade do ideal de “reconstruir melhor” (*build back better*), o mantra do ECOSOC para guiar os países no caminho da Agenda 2030. Como se poderá imaginar, o progresso para alcançar as metas da Agenda 2030 estava lento e desigual, antes da pandemia, levantando suspeitas de que, talvez, as mesmas não seriam realizadas. A pandemia piorou o quadro, destruindo o trabalho de três décadas, como afirmam alguns especialistas.

Aquela afirmação seria confirmada ao final do Segmento de Integração, pelas palavras do Senhor Liu Zhenmin, Sub-Secretário-Geral para Assuntos Econômicos e Sociais. Com efeito, o Senhor Zhenmin informou que as exaustivas análises levadas a cabo no âmbito do sistema das Nações Unidas exibem o amplo impacto da COVID-19. Ao risco de não conseguir implementar a Agenda 2030, continuou o Senhor Zhenmin, deixando pessoas para trás, soma-se agora a irrefreável onda de empurrar os mais vulneráveis para a pobreza extrema e a fome. Segundo o Sub-Secretário-Geral, muitos delegados presentes ao Segmento de Integração manifestaram a necessidade de repensar os sistemas econômicos e os de proteção social, pondo as pessoas no centro das respostas. A pandemia demonstrou mais uma vez, continuou o Sr. Zhenmin, como estão interligados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) o que exigirá, no exercício de reconstruir melhor políticas integradas e sinergias.

É importante sublinhar que as palavras do Sub-Secretário-Geral não são opiniões de natureza pessoal. Elas ecoam o sentimento geral do Segmento de Integração e, certamente, terão levantado algumas sobranças as que fizeram menção a repensar os sistemas econômicos e os sistemas de proteção social. Não se sabe como aquelas sobranças terão reagido com a proposta de pôr as pessoas no centro das respostas à pandemia e à pós-pandemia, como se se tratasse de algum giro copernicano. No dia seguinte, com espíritos divididos e passos incertos, seguiu-se para o Foro Político de Alto Nível, em modo virtual, está entendido.

Os delegados, essencialmente os mesmos que assistiram à sessão anterior, carregavam os seus respectivos pronunciamentos, que divulgariam na parte reservada ao debate geral. Esta parte da sessão substantiva do HLPF dividiu-se entre as intervenções dos Estados participantes, das Organizações Intergovernamentais, do próprio sistema das Nações Unidas e de grandes grupos e parceiros. Entre os Estados participantes, caberia registrar a presença de grupo LGBTI, que inclui 31 países (Brasil), a União Europeia e o Alto Comissariado de Direitos Humanos.

Não é preciso para entender a dinâmica do que foi o HLPF deste ano passar em revista o conjunto das intervenções. Para tanto, bastaria considerar os pronunciamentos do G-77, da UE, da China e dos EUA pelo poder que essas delegações têm de aglutinar, influir e liderar processos.

O G-77 mais China, que certamente foram responsáveis pelo registro do Sub-Secretário-Geral, no Segmento de Integração, referente à necessidade de focar a recuperação em abordagem que

ponha as pessoas no centro, que seja sustentável e inclusiva, retomou o assunto na mesma linha, provocando talvez os mesmos efeitos.

O Grupo, no entanto, não iria se deter naquele introito à posição dos países em desenvolvimento. Ao contrário, o Grupo avançaria uma agenda com os seguintes pontos: i) empoderamento das pessoas como meio para vencer as inequidades; ii) reiterar a importância dos princípios de união, solidariedade e multilateralismo, inscritos no espírito da Agenda 2030; iii) realização daqueles princípios por meio do compromisso de construir melhores (sic) parcerias que permitam alcançar a meta do desenvolvimento sustentável; iv) tendo em conta a ambição da Agenda 2030, conferir maior ênfase à necessidade de fortalecer os meios de implementação nas áreas de finança, comércio internacional, tecnologia e capacitação; v) apoio incondicional à Convenção-Quadro sobre Mudança de Clima e o Acordo de Paris. É possível que esses pontos tenham sido responsáveis pela ida de alguns delegados à salas de massagem facial, para relaxar os músculos, muito tensos.

A UE, por sua vez, recordou o 75º aniversário das Nações Unidas num momento em que mundo convive com crises de dimensões globais, de que são exemplo a mudança climática, a degradação ambiental e a crescente desigualdade social. A COVID-19, que veio agravar esse quadro, reclama, à semelhança da Agenda 2030, uma resposta global, um multilateralismo efetivo, apoio irrestrito à uma ordem internacional baseada em regras, a defesa de valores universais, a promoção do compartilhamento de bens públicos, bem como de benefícios para todos. Não há dúvida de que esses pontos são uma crítica às políticas unilaterais em voga, que ameaçam – e não mais põem em risco – a própria sobrevivência da espécie. A intervenção da UE desenvolve com mais precisão a ameaça ambiental ao deixar registro do chamado Acordo Verde Europeu (*European Green Deal*), que põem as pessoas e o planeta no centro. Mais um giro copernicano. Mais sobranceiras levantadas, desta vez, no entanto, por conta da vanguarda verde que começa a se impor na UE. Para que não restem dúvidas, afirma-se a Agenda 2030 e o Acordo de Paris estão no coração (sic) da estratégia do grupo para alcançar os ODS nos planos interno e externo, bem como nas ações de sua respectiva política externa e nos programas de cooperação. O texto em inglês não deixa dúvida: a UE não pretende apoiar políticas que ponham em dúvida a gravidade da situação ambiental, a desigualdade social e a importância da Agenda 2030. Com relação à resposta à COVID-19, a UE ofereceu mensagem clara, reproduzida a seguir, dada a importância do assunto, em português e no original em inglês: “(A UE) *continuará a apoiar os esforços globais para acelerar a pesquisa em tratamentos, diagnósticos e vacinas garantindo que os mesmos são bens públicos e equitativamente acessíveis a todos (...we will continue to support global efforts to accelerate research on treatments, diagnostics and vaccines ensuring that they are a public good that is equitably accessible to all)*. Finalmente, sublinhando a necessidade de integrar as dimensões econômica, social e ambiental da Agenda 2030, a UEE recorda a natureza vinculante dos desafios globais presentes e futuros, para reproduzir em linguagem diplomática o efeito borboleta da teoria do caos: o leve farfalhar das azas de uma borboleta na floresta amazônica desencadeia uma tormenta de dimensões bíblicas no sul da Ásia. A mesma lógica poder-se-ia aplicar aos saltos de um vírus em hospedeiros não naturais por degradações sucessivas do meio ambiente.

Os verdes europeus terão angariado simpatias do G-77 mais China, sem dúvida, mas esta última fez intervenção em seu próprio nome para enfatizar severas críticas à política do Presidente Donald Trump. Com efeito, argumentando que a globalização contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da economia mundial e para a prosperidade material, a China apontou como os mercados emergentes e os países em desenvolvimento mudaram a paisagem política e econômica internacional. Não obstante, as tendências unilateralistas, de bullying, protecionismo e sentimentos anti-globalistas estão a erodir os fundamentos do multilateralismo e piorando o ambiente internacional de cooperação. A China propõe os seguintes parâmetros para cumprir as promessas inseridas na Agenda 2030: i) fortalecimento da solidariedade e a

cooperação para superar as dificuldades; ii) priorizar o desenvolvimento em todas as grandes áreas e conferir atenção especial às dificuldades e desafios dos países em desenvolvimento no exercício de reconstruir melhor e mais rápido; iii) manter o compromisso com a abertura inclusiva para conseguir uma cooperação ganha-ganha; iv) fortalecer parcerias para o desenvolvimento comum. Com relação à vacina para a COVID-19, a China reitera que uma vez que ela seja encontrada, produzida e disponibilizada ela será servirá como um bem público (*will serve as a public good*), que beneficiará primeiramente a África. Há uma sutil diferença com o pronunciamento do Presidente Xi Jinping sobre o mesmo assunto, por ocasião da 73ª sessão ordinária da AMS, segundo a qual “*a vacina será um bem público, que será a contribuição da China para garantir a sua acessibilidade nos países em desenvolvimento*” (*COVID-19 vaccine...when available, will be a global public good, which will be China’s contribution to ensuring vaccine accessibility and affordability in developing countries*).

A intervenção da China é claramente a de uma grande potência que põem as cartas sobre a mesa, acusa o Governo Trump de minar os esforços para a busca e a efetivação de solução de conjunto, fundamentada no espírito de solidariedade e de cooperação. A China destaca a importância da Agenda 2030, mas não diz uma palavra sobre a questão ambiental e sobre as inequidades crescentes no mundo globalizado, que ela parece encomiar.

Os EUA, por fim fez pronunciamento minimalista e vago. Reconhecendo que o momento é desafiador no contexto de uma pandemia global devastadora, a capacidade dos países para alcançar o desenvolvimento sustentável será posta à prova. Trata-se de uma afirmação factual, desprovida de intenção de corrigir os eventuais percalços. Parece claro que os EUA não se comprometem em participar de esforços coletivos para superar os entraves e as dificuldades para alcançar os ODS, que por sinal, são mencionados para informar que aquele país está comprometido com os valores e as necessidades do desenvolvimento em geral ao trabalhar em conjunto com a sociedade civil e o setor privado (*The United States is committed to the values and needs that underlie development around the world by working alongside civil society and the private sector to advance progress on the Sustainable Development Goals*). É ao menos curioso que o a única vez que se fale em desenvolvimento sustentável seja na fórmula adotada pela AGNU. A intervenção faz menção a *development around the world*, mas não a *sustainable development around the world*, sugerindo assim um certo descompromisso. Seguindo a empáfia do Presidente Trump, a intervenção ressalta que os EUA lideram a ajuda em saúde e humanitária (*we lead the world in health and humanitarian aid*), guiado por valores que formam a base da confiança (*trust*), tais como transparência, reciprocidade, integridade, prestação de contas (*accountability*), respeito às leis, à propriedade de todo tipo, à soberania, ao planeta e aos direitos humanos básicos. A parte relativa ao respeito à propriedade de todo tipo, sem dúvida, refere-se à arquitetura da propriedade intelectual. É curioso mencionar esse ponto na sessão substantiva do ECOSOC, que teve como objetivo como superar o impacto da pandemia e impedir que os retrocessos nas conquistas impeçam alcançar os ODS da Agenda 2030, que é recordada uma única vez, de maneira vaga. O pronunciamento faz um chamamento aos países para se unirem no chamado Economic Prosperity Network, uma rede de redes que terá a força em números para superar economias autoritárias que desejam subverter os interesses dos países em desenvolvimento (*Through this network, we will have the strength in numbers against authoritarian economies that seek to subvert developing nations*). Finalmente, diz-se que é matéria de orgulho que a filantropia privada supera largamente a assistência oficial do Governo, esclarecendo que o mundo recebe todo anos US\$ 360 bilhões, sendo que 90% daquele total origina-se no setor privado. Como seria de esperar os EUA não fizeram menção as questões de meio ambiente e limitaram o respeito aos direitos humanos aqueles básicos.

O Segmento de Alto Nível do ECOSOC, que se seguiu e que corresponde a uma reunião ministerial deveria recolher os resultados da sessão do HLPF e adotar uma Declaração Ministerial. Deve-se esclarecer que em reuniões deste tipo, os documentos relevantes são

distribuídos com antecedência para permitir a boa negociação dos mesmos. Assim os documentos de apoio para cada um dos segmentos do ECOSOC. O projeto de declaração ministerial não é exceção e a última versão circulou no dia 29 de junho.

Se a intervenção do G-77 terá provocado movimento de sobrelhas e o da UE, impaciência com a retórica verde, o projeto de declaração ministerial, que continha elementos de ambas as intervenções, terá parecido como uma provocação inaceitável. O texto de 28 parágrafos foi rejeitado por falta de consenso. Espera-se que semana que vem seja produzido texto inosso que poderia merecer consenso, ainda que nem sequer sobre isso haveria consenso.

Na segunda-feira, dia 20 de julho, a Presidente irá apresentar relato resumido da sessão do HLPF. A próxima contribuição semanal procurará incluir o relato da Presidente com os comentários relevantes.

APÊNDICE (ÚLTIMA HORA)

Ao mesmo tempo em que se realizava o ECOSOC na sede da ONU, em Nova York, o **Conselho de Direitos Humanos** se reunia em Genebra. Este seminal espaço político das Nações Unidas, cuja Alta Comissária é a médica e ex-presidente Michelle Bachelet, aprovou resolução sobre *“o papel central do Estado na resposta à pandemias e outras emergências sanitárias, e suas consequências socioeconômicas na promoção do desenvolvimento sustentável e na efetividade de todos os direitos humanos”*, adotada sem votação, pedindo que seja considerado prioridade global o acesso universal, oportuno e equitativo a uma distribuição justa de todas as tecnologias e produtos essenciais de qualidade, seguros, eficazes e acessíveis à saúde, incluindo seus componentes e precursores necessários na resposta à pandemia do COVID-19. Será comentado em maiores detalhes no próximo informe semanal.

No tocante à pandemia, muito esperança está depositada na 31ª Sessão Especial da AGNU sobre a Covid-19, a ser realizada, presumivelmente, ainda durante a atual 74ª. sessão da AGNU. Contudo, parece que existem dificuldades quanto à agenda a ser discutida, pois apesar de ter sido proposta por larga maioria de países (G77 + China, ou seja, mais de 130 países) e aceita pelo mecanismo do silêncio tácito (*silent procedure*), ainda não há data marcada nem agenda definida para discutir uma enfermidade que só vem crescendo e matando em todas as partes do mundo. **(PB e SA)**

OMS-OPS e EUA

Luiz Galvão

Organização Mundial da Saúde (OMS)

O Diretor-Geral da OMS em sua introdução a entrevista coletiva chamou atenção para não esperar a vacina, mas sim continuar com as outras atividades que podem salvar vidas e das quais a busca ativa e seguimentos de contatos é essencial para o controle da epidemia. Foi assim que foi possível controlar outras epidemias no passado.

Outro assunto enfatizado pelo Diretor-Geral foi a questão da COVID-19 e os povos indígenas na região das Américas. Existem aproximadamente 370 a 500 milhões de indígenas de diferentes nações e etnias em mais de 90 países no mundo.



A maioria dos indígenas continua a sofrer discriminação histórica e sistêmica que gerou uma alta carga de pobreza, desemprego e uma enorme desigualdade em saúde, inclusive no acesso aos serviços de saúde e de saneamento básico. Além disso, eles têm especial vulnerabilidade a doenças transmissíveis que os torna mais vulneráveis ao COVID-19.

A OMS lançou uma série de iniciativas na para incluir abordagens interculturais e de equidade na resposta à pandemia da COVID-19, incluindo adequação da cooperação técnica e recomendações adequadas a esta realidade.

Na Região das Américas, o Escritório Regional das Américas da OMS emitiu um Alerta Epidemiológico: COVID-19 entre os povos indígenas das Américas (15 de julho de 2020), instando os Estados-Membros a intensificar os esforços para evitar uma maior disseminação da infecção nessas comunidades, garantir o acesso adequado aos serviços de saúde e fortalecer a gestão de casos usando abordagens culturalmente adequadas.

Diante da situação urgente na região amazônica, a OPS e a Coordenadoria de Organizações Indígenas da Bacia Hidrográfica do Amazonas (COICA) fizeram um acordo para o trabalho conjunto na luta contra o COVID-19 na região. A COICA inclui organizações indígenas da selva peruana, leste da Bolívia, Amazônia equatoriana, Amazônia colombiana e Amazônia brasileira.

O acordo da OPS visa fortalecer os serviços de saúde na Amazônia por meio da oferta de recursos humanos, suprimentos e dispositivos médicos, incluindo testes, tratamentos e vacinas. A declaração destaca as populações que vivem em isolamento voluntário. A OPS realizará um fórum regional das organizações internacionais que atuam na área para coordenar a resposta às nações indígenas da Amazônia.

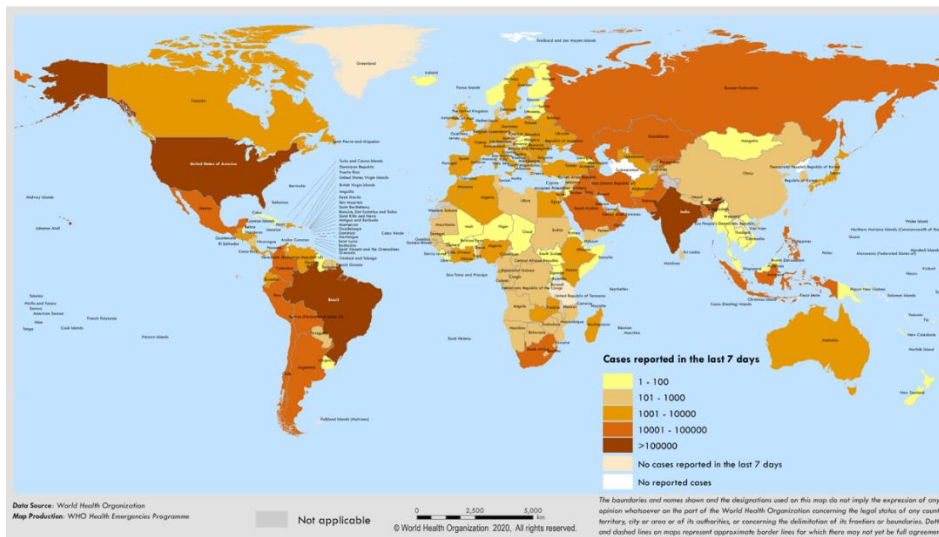
Foi elaborado um documento de orientação "Considerações sobre povos indígenas, afrodescendentes e outros grupos étnicos durante a Pandemia COVID-19" (<https://bit.ly/3eNKKAY>) que identifica desafios, preocupações e lacunas na resposta do COVID-

19 entre os povos indígenas da região e oferece recomendações para mitigar as lacunas na resposta ao COVID-19 entre os povos indígenas:

1. Garantir que as informações e a comunicação em saúde pública sejam acessíveis por meio de campanhas de comunicação culturalmente adequadas e de qualidade
2. Tomar decisões de forma participativa com os povos indígenas e organizar diálogos interculturais para informar os membros da comunidade sobre as medidas a serem adotadas em relação ao COVID-19.
3. Incluir uma variável de etnia nos registros de saúde para gerar informações sobre as necessidades de intervenções de diferentes populações COVID-19.
4. Promover ações intersetoriais para enfrentar os determinantes sociais da saúde que afetam a resposta e prevenção do COVID-19.

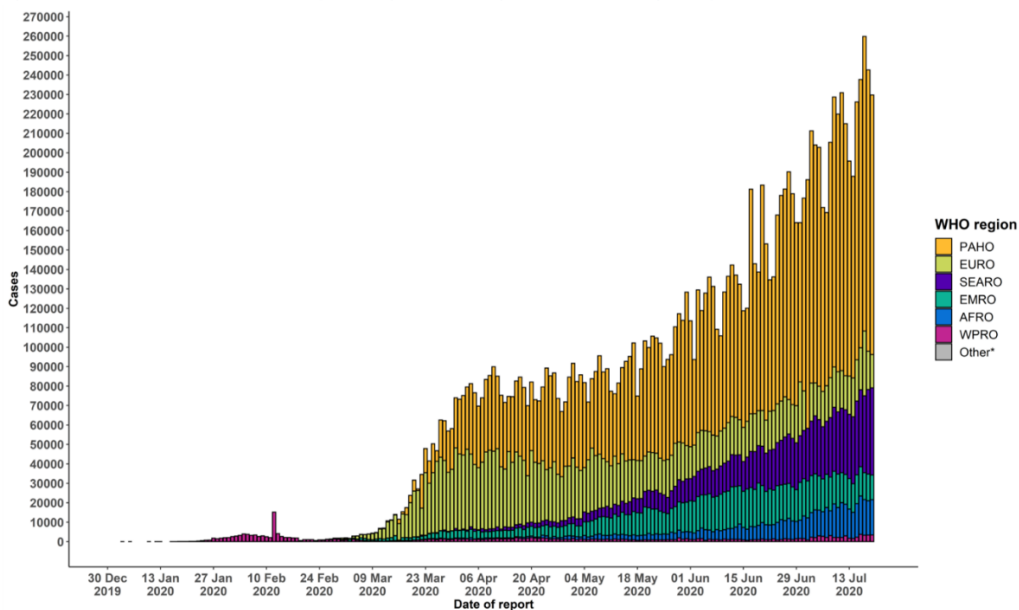
A situação mundial pode ser apreciada no mapa abaixo e as diferenças regionais no gráfico a seguir.

Figure 1. Number of confirmed* COVID-19 cases reported in the last seven days by country, territory or area, 14 July to 20 July**

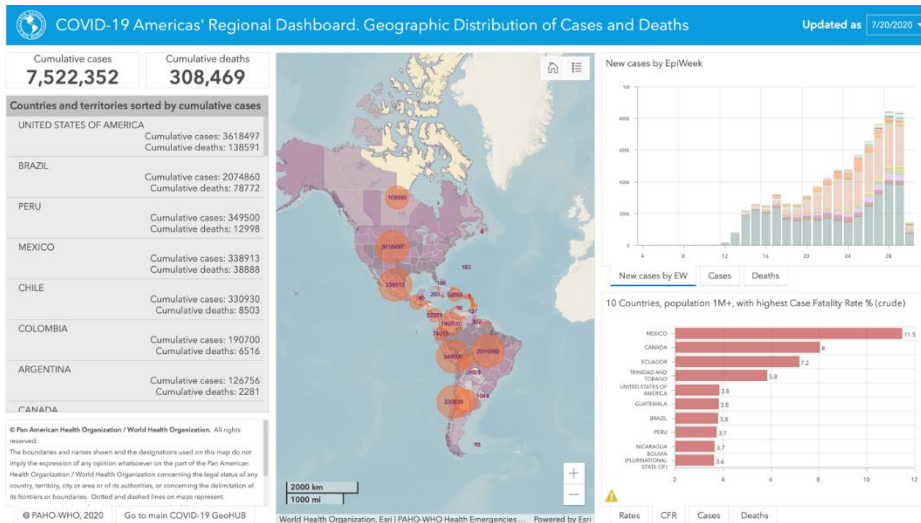


**See Annex 1 for data, table and figure notes.

Figure 2. Number of confirmed* COVID-19 cases, by date of report and WHO region, 30 December through 20 July**



Também a OPS tem atualizado as informações sobre as atividades realizadas na região, como mostra o quadro abaixo.



EUA

Nos EUA continua a ser observado o aumento do número de casos em várias cidades. Aplicando os critérios e fases estabelecidos muitas autoridades estão voltando a impor medidas para restringir a circulação do vírus e diminuir a velocidade da pandemia no intuito de evitar o colapso do sistema de atenção médica no país e salvar vidas, principalmente das populações mais vulneráveis.

Existe um intenso debate sobre as estratégias e políticas vigentes, aos quais os cientistas e os sanitaristas estão fazendo importantes contribuições centradas nas evidências e nas recomendações baseadas em evidências. Tem sido dada muita importância às medidas de proteção individuais como o uso de mascaras e o distanciamento espacial como mostra a ilustração a seguir.

How to Safely Wear and Take Off a Cloth Face Covering

Accessible: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-nCoV/prevent-getting-sick/diy-cloth-face-covering.html>

WEAR YOUR FACE COVERING CORRECTLY

- Wash your hands before putting on your face covering
- Put it over your nose and mouth and secure it under your chin
- Try to fit it snugly against the sides of your face
- Make sure you can breathe easily
- Do not place a mask on a child younger than 2

USE THE FACE COVERING TO HELP PROTECT OTHERS

- Wear cloth face coverings in public settings and when around people who don't live in your household, especially when other social distancing measures are difficult to maintain
- Don't put the covering around your neck or up on your forehead
- Don't touch the face covering, and, if you do, clean your hands

FOLLOW EVERYDAY HEALTH HABITS

- Stay at least 6 feet away from others
- Avoid contact with people who are sick
- Wash your hands often, with soap and water, for at least 20 seconds each time
- Use hand sanitizer if soap and water are not available

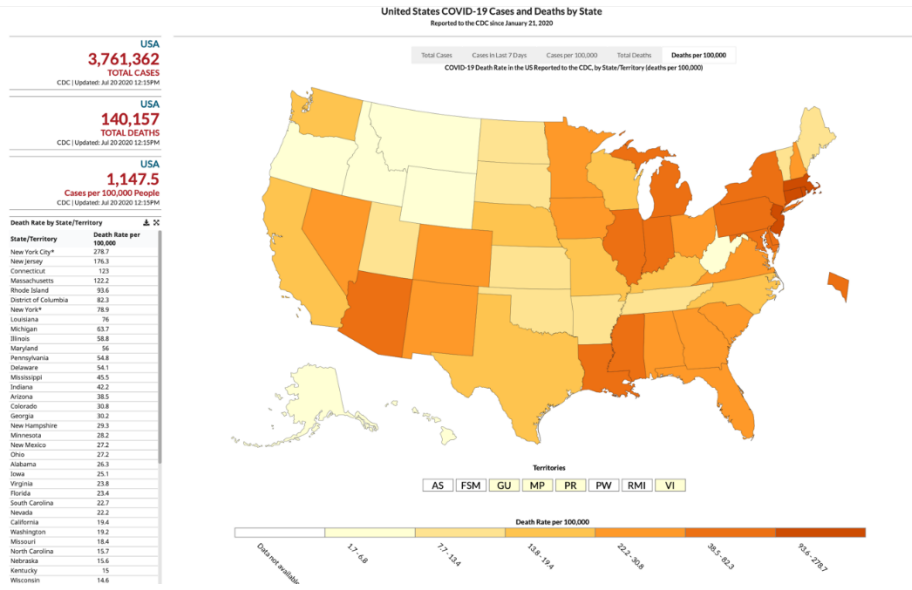
TAKE OFF YOUR CLOTH FACE COVERING CAREFULLY, WHEN YOU'RE HOME

- Untie the strings behind your head or stretch the ear loops
- Handle only by the ear loops or ties
- Fold outside corners together
- Place covering in the washing machine
- Wash your hands with soap and water

Cloth face coverings are not surgical masks or N-95 respirators, both of which should be saved for health care workers and other medical first responders.

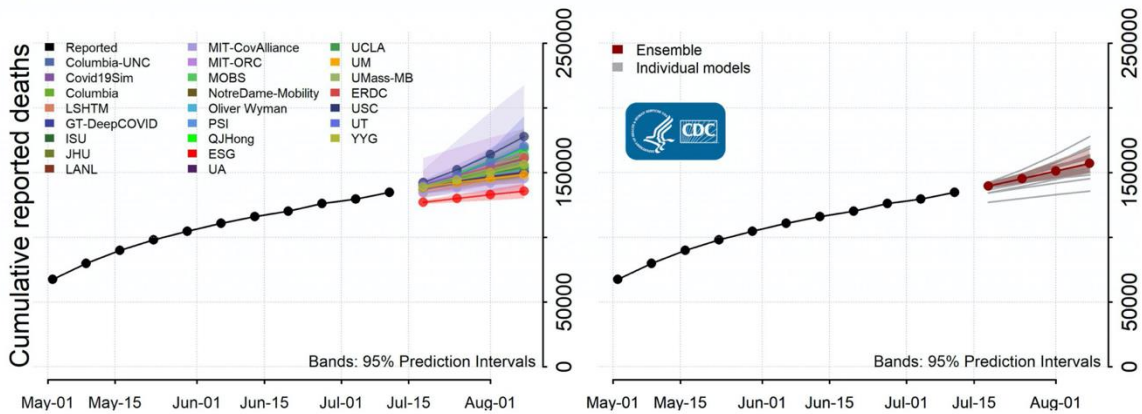
For instructions on making a cloth face covering, see: [cdc.gov/coronavirus](https://www.cdc.gov/coronavirus)

A situação geral pode ser observada no gráfico abaixo extraído de fontes oficiais citadas.



A projeção dos modelos sobre total de mortes pela pandemia tem variado no tempo e segundo a fonte como pode-se observar no gráfico abaixo.

National Forecast



- The figure shows cumulative reported COVID-19 deaths and forecasted deaths for the next four weeks in the United States.
- Models make various assumptions about the levels of social distancing and other interventions, which may not reflect recent changes in behavior. See model descriptions below for details.

RESPOSTA DA OEA À PANDEMIA DE COVID-19**Luana Bermudez**

A Secretaria Geral segue promovendo diversos webinars. Essa semana foram realizando os seguintes eventos:

- 17/07 - O papel da sociedade civil e do setor privado no combate à corrupção (11ª sessão do fórum virtual semanal Direito interamericano em tempos de pandemia)
- 20/07 - Violência contra as mulheres e medidas para conter a disseminação da COVID-19
- 20/07 - O papel dos facilitadores judiciais nos tempos de COVID-19
- 23/07 - Principais eventos esportivos: visão geral e perspectivas após a COVID-19

<https://www.oas.org/ext/en/main/covid-19/Virtual-Forums>

Além disso, no dia 16 de julho foi realizada uma Sessão Especial da XLVIII Reunião do Grupo de Expertos para o Controle da Lavagem de Ativos (GELAVEX) com o objetivo de garantir que esse tipo de delito não aumente durante e depois da pandemia, para que assim os Estados membros possam focar sua atenção em resolver a crise sanitária e econômica decorrente da pandemia de Covid-19.

http://www.cicad.oas.org/Main/AboutCICAD/Activities_spa.asp?IE=USO0108

Cabe destacar também a realização de um Conversatório entre o Secretario Geral da OEA, Dr. Luis Almagro, e o Dr. Axel Kaiser, escritor e cientista político chileno sobre os desafios da região no contexto da pandemia. Ambos concordaram que a pandemia exacerbou problemas estruturais de ordem econômica e social nos países da América Latina, como pobreza, corrupção e políticas públicas deficientes. Lembraram que vivemos no continente mais desigual do mundo, e que com a pandemia as vulnerabilidades foram expostas e os níveis de desigualdade são um imposto altíssimo para nossas democracias.

Kaiser ressaltou que a questão entre saúde e economia levantada por muitos na resposta a pandemia se trata de uma falsa dicotomia e Almagro destacou a necessidade de políticas públicas transversais e interinstitucionais. Além disso, destacou-se a necessidade de eficiência em todos os níveis políticos e de responsabilidade cidadã para que as melhores políticas deem os melhores resultados. Os dois concordam que os cidadãos devem ser empoderados com o objetivo de contribuir na solução dos problemas comuns.

Por fim, Almagro reiterou a importância da proteção e priorização do direito à saúde, lembrando que este deve ser visto como uma questão de ordem pública.

<https://www.facebook.com/OEAoficial/videos/731797230887504>

Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)

Na última semana, a CIDH terminou no dia 15/07 seu 176º Período de Sessões, que foi realizado pela primeira vez de maneira virtual. Na ocasião, foram realizadas 34 reuniões de trabalho e 22 reuniões bilaterais, onde foram analisados temas relacionados as petições, casos e medidas cautelares, seguimento de recomendações, além do monitoramento da situação de direitos humanos na região, especialmente relacionadas ao impacto da Covid-19.

Foram realizadas também 3 reuniões sobre a situação dos direitos humanos na região no contexto da pandemia, com a participação de mais de 100 representantes de organizações da sociedade civil dos seguintes países membros: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, Estados Unidos, México, Nicarágua, Peru, República Dominicana e Venezuela.

<http://www.oas.org/es/cidh/prensa/comunicados/2020/167.asp>

RESPOSTA DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS MUNDIAIS (BIRD, FMI, BID) À COVID-19**Isis Pillar Cazumbá e Myriam Minayo****Banco Mundial (BM)**

No dia 10 de julho, o BM anunciou uma reorientação de programas e aumentou o financiamento para US \$ 74 bilhões no ano fiscal de 2020, que iniciou em 1º de julho. Segundo o grupo, à medida que as pessoas nos países em desenvolvimento em todo o mundo enfrentavam múltiplas crises, incluindo a pandemia da COVID-19, o Banco Mundial trabalhou para responder rapidamente com aconselhamentos técnicos e de políticas e ampliou o financiamento direcionado aos países pobres e em desenvolvimento.

Rapidamente, o Banco se ajustou para ajudar os países a combater a pandemia, concentrando-se em quatro prioridades: salvar vidas ameaçadas pela pandemia; proteger os pobres e vulneráveis; garantir as estruturas econômicas para reduzir o tempo de recuperação; e fortalecimento de políticas e instituições para a resiliência com base em dívidas e investimentos transparentes e sustentáveis.

Ainda de acordo com o grupo, o financiamento implantado, juntamente com o aconselhamento técnico e político e o apoio analítico, está ajudando os países a lidarem com os impactos econômicos e de saúde da pandemia, mantendo o setor privado dos países, ajudando-os países com a insegurança alimentar devido a enxames de gafanhotos na África e no Oriente Médio e combatendo o aumento desigualdade, entre outras prioridades.

World Bank Group Commitments Fiscal Years 2020 and 2019 (in U.S. billions)

World Bank Group	FY20*	FY19
IBRD	28.5	23.2
IDA	30.4	21.9
IFC	11.2**	8.9**
MIGA	3.96	5.5
TOTAL	74.1	59.5

*Preliminary and unaudited numbers as of July 10.

**Long-term finance from IFC's own account. Excludes funds mobilized from other investors of \$10.8 and \$10.2 billion in FY20 and FY19, respectively. It also excludes short-term finance of \$6.5 billion in FY20 and \$5.8 billion in FY19.

Durante o ano fiscal encerrado em 30 de junho, o Banco Mundial trabalhou para realinhar ainda mais seu modelo de entrega para uma coordenação eficiente do trabalho em suas regiões e práticas globais. O novo modelo operacional do Banco, que entrou em vigor em 1º de julho de 2020, coloca o desenvolvimento orientado por país no centro do modelo de entrega, ao mesmo tempo em que fortalece a liderança em questões de importância crítica para o crescimento sustentável e o alívio da pobreza.

No ano fiscal de 2020, o Banco Mundial trabalhou como FMI para solicitar aos credores bilaterais oficiais que concedam alívio da dívida aos países mais pobres do mundo: aqueles elegíveis para financiamento da AID. O G20 aquiesceu com uma abordagem coordenada e os credores privados também foram convidados a contribuir para a iniciativa. A Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI), que entrou em vigor em 1º de maio, libera recursos para os países mais pobres responderem à pandemia da COVID-19 e incentiva a transparência e a sustentabilidade da dívida.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/07/10/amid-multiple-crises-world-bank-group-refocuses-programs-and-increases-financing-to-74-billion-in-fiscal-year-2020>

Belize

No dia 14 de julho de 2020, o Banco Mundial liberou recursos para o Belize fortalecer a sua resposta às dificuldades econômicas causadas pela pandemia da COVID-19. Disponibilizado os valores de US \$ 12,4 milhões oriundos de fundos, servirão para fornecer assistência social às famílias pobres e vulneráveis afetadas pela crise.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/07/13/world-bank-supports-programs-to-assist-over-13000-households-in-belize-in-response-to-covid-19-crisis>

Uganda

No dia 16 de julho de 2020, o Banco Mundial aprovou US \$ 15,2 milhões para apoiar os esforços de Uganda para prevenção, detecção e resposta à pandemia provocada pela COVID-19 e fortalecer os sistemas nacionais em saúde pública sob uma nova operação - *Uganda COVID-19 Response and Emergency Preparedness Project*. O projeto é financiado com um crédito da AID de US \$ 12,5 milhões e uma doação de US \$ 2,7 milhões do Mecanismo de Financiamento de Emergência da Pandemia.

O objetivo do projeto é de reduzir o déficit de financiamento do Plano Nacional de Preparação e Resposta COVID-19, aumentando a prevenção, detecção, gerenciamento de casos e a prontidão geral do sistema de saúde. Isso inclui melhorar a vigilância da doença nos pontos de entrada e diagnóstico e relatórios laboratoriais rápidos; gerenciamento de casos com investimentos no fornecimento de equipamentos, treinamento no fornecimento de terapia intensiva e apoio psicossocial. Os principais beneficiários serão as pessoas infectadas, as populações em risco, as comunidades e refugiados hospedeiros, o pessoal médico e de emergência, as instalações médicas e de teste e as agências nacionais de saúde selecionadas.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/07/16/world-bank-group-provides-152-million-in-support-of-coronavirus-response-in-uganda>

Relatório: Global Productivity: Trends, Drivers, and Policies

No dia 14 de julho de 2020, foi lançado o primeiro estudo abrangente sobre desafios e oportunidades para reativar o crescimento da produtividade.

O relatório Produtividade global: tendências, fatores e políticas - *Global Productivity: Trends, Drivers, and Policies* - mostra que o crescimento da produtividade, que contribuiu para tirar milhões de pessoas da pobreza nos países em desenvolvimento, precisará de apoio substancial dos formuladores de políticas para suportar os graves desafios impostos pelo choque econômico da pandemia da COVID-19. Evidências de epidemias passadas e recessões profundas sugerem que a pandemia da COVID-19 poderia diminuir ainda mais a produtividade do trabalho nos próximos anos, a menos que ações políticas urgentes sejam tomadas, alerta o estudo.

A pandemia atingiu a economia global após uma década que apresentou uma desaceleração ampla no crescimento da produtividade. O crescimento da produtividade está em declínio global, nos mercados emergentes e nas economias em desenvolvimento desde a crise financeira de 2007-2009. O estudo apresenta a primeira análise abrangente da evolução e dos fatores de crescimento da produtividade, examina os efeitos da COVID-19 na produtividade e discute uma ampla gama de políticas necessárias para reavivar crescimento da produtividade. O relatório também fornece um conjunto de dados de longo alcance de várias medidas de produtividade

para até 164 economias avançadas, mercados emergentes e economias em desenvolvimento e apresenta um novo banco de dados setorial de produtividade.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/07/14/productivity-growth-threatened-by-covid-19-disruptions>

Observações divulgadas pelo Presidente do BM, David Malpass, na reunião virtual de Ministros da Fazenda e diretores dos Bancos Centrais do G20, de 18 de julho 2020.

A pandemia provocou a recessão global mais profunda em décadas e o que pode se tornar um dos mais desiguais em termos de impacto. As pessoas nos países em desenvolvimento são particularmente afetadas pelas saídas de capital, declínio nas remessas, colapso dos mercados de trabalho informais e redes de segurança social que são muito menos robustas do que nas economias avançadas. Somando-se ao problema da desigualdade, as perspectivas de crescimento e investimento são fracas e o estímulo dominante nas economias avançadas é a compra maciça de ativos do banco central, que fornece suporte seletivo a títulos e detentores de títulos mais bem cotados em seus próprios mercados.

Para os países mais pobres, a pobreza está aumentando rapidamente, a renda média está caindo e o crescimento é profundamente negativo. Os encargos da dívida - já insustentáveis para muitos países - estão subindo para níveis de crise.

Enquanto isso, os investidores estão buscando rentabilidade, já que as taxas de juros parecem baixas por muito tempo. Isso fornece apoio de curto prazo para alguns governos, mas com a deterioração dos fundamentos econômicos, corre o risco de complacência e de uma espiral descendente para uma nova crise da dívida que provavelmente vai além dos países mais pobres. Se isso continuar, pesará por décadas em pessoas nos países em desenvolvimento.

O Banco Mundial está aumentando substancialmente o ritmo de nossas doações e empréstimos para os países em desenvolvimento à medida que respondem à crise, mas não será suficiente. Esperamos que os desafios do desenvolvimento se aprofundem e se tornem ainda mais severos no próximo ano.

Hoje, vou me concentrar na suspensão da dívida, redução da dívida, resolução da dívida e transparência da dívida. Recomendamos várias ações que serão fatores-chave para responder à crise e fortalecer a recuperação.

SUSPENSÃO DA DÍVIDA

Peço que vocês estendam o prazo da Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI) até o final de 2021 e se comprometam a dar à iniciativa o maior escopo possível. Avançamos bastante com o DSSI em um curto período de tempo, mas é preciso fazer mais.

A elegibilidade das reivindicações bilaterais oficiais deve se estender a todas as dívidas externas públicas e garantidas publicamente a longo prazo, incluindo as dívidas externas das empresas estatais com garantias explícitas ou implícitas do governo.

Esse tipo de escopo amplo para o DSSI pode ajudar a obter grandes benefícios para os países mais pobres. Para fornecer uma quantificação aproximada, os países tomadores de empréstimos que participam do DSSI identificaram US \$ 8,4 bilhões em economias elegíveis em seus pagamentos de serviços da dívida em 2020, mas os dados fornecidos ao G20 pelos credores identificaram apenas US \$ 5 bilhões em diferidos no serviço da dívida, um déficit de US \$ 3,4 bilhões no alívio da dívida.

Instamos o G20 a solicitar a divulgação dos termos do reagendamento de qualquer dívida elegível ao DSSI. Para que o DSSI seja totalmente eficaz, deve haver um conjunto mínimo padrão

de informações sobre reestruturação da dívida. Isso evitará os reagendamentos secretos em andamento em alguns países, como Angola e Laos, geralmente com períodos de carência e termos não divulgados.

O tratamento comparável precisa se estender aos credores comerciais dos governos participantes do DSSI. Eles devem interromper a cobrança de pagamentos dos países mais pobres, particularmente daqueles países da AID com alto risco de sobreendividamento que recebem recursos da AID. **Fiquei desapontado com a falta de progresso até agora em meio a uma emergência global e exorto os credores comerciais a formarem um grupo eficaz para ajudar a interromper suas cobranças dos países mais pobres.**

REDUÇÃO DA DÍVIDA

Mesmo com uma suspensão mais longa dos pagamentos da dívida; um escopo DSSI que inclui mais dívida e credores bilaterais oficiais; participação de credores comerciais; e os grandes fluxos líquidos positivos do Banco Mundial - muitos dos países mais pobres não conseguirão tornar os ônus da dívida resultantes sustentáveis no médio prazo. Espera-se que as repercussões econômicas da pandemia causem cicatrizes duradouras no crescimento por meio de investimentos mais baixos, erosão do capital humano e retirada das ligações comerciais e de fornecimento globais.

Exorto o G20 a abrir as portas para consultas sobre o excesso de dívidas e formas eficazes de reduzir o valor presente líquido da dívida bilateral e comercial oficial para os países mais pobres.

RESOLUÇÕES DE DÍVIDA

Também precisamos melhorar o processo de resolução da dívida. A transparência da dívida, incluindo a transparência das reestruturações de dívida discutidas anteriormente, é obviamente o ponto de partida para resoluções de dívida mais equilibradas.

Além disso, o fortalecimento das práticas de resolução da dívida e a criação de uma estrutura para apoiar países com capacidade fraca ajudariam. As principais jurisdições nas quais as disputas sobre dívidas são frequentemente resolvidas precisam considerar as mudanças significativas na maneira como os países pobres contraíram dívidas nos últimos anos. Poderiam ser adotadas medidas legais para impedir a aplicação de taxas de juros inflacionadas; e inibir, sob certos termos claramente definidos, o apego excessivo de ativos de países pobres em dificuldades de dívida.

Também precisamos progredir para ajudar os países com compromissos contratuais de longo prazo relacionados a contratos restritivos de compra que resultam em encargos financeiros a longo prazo. Esses compromissos de longo prazo podem representar um fardo esmagador para os pobres e tornar-se um obstáculo permanente ao nosso objetivo de crescimento amplo e prosperidade compartilhada.

TRANSPARÊNCIA DE DÍVIDA

A transparência da dívida é crítica por várias razões: os credores precisam avaliar completamente a sustentabilidade da dívida de seus potenciais tomadores de empréstimos, os cidadãos precisam ser capazes de avaliar seus líderes pela dívida que assumem e os mutuários precisam elaborar estratégias com base em um entendimento claro de suas dívidas.

O Banco Mundial divulga completamente os objetivos, condições e termos de cada empréstimo quando é feito, e acha que isso é importante para obter bons resultados de desenvolvimento. Quando os países celebram contratos de criação de dívida, devem divulgá-los. A transparência

nessa área ajudaria tanto os devedores quanto os credores a proteger seus direitos, o que é fundamental para aumentar a quantidade e a qualidade do investimento.

Em conclusão, a situação nos países em desenvolvimento é cada vez mais desesperadora. O tempo é curto. Precisamos agir rapidamente sobre suspensão da dívida, redução da dívida, mecanismos de resolução da dívida e transparência da dívida.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/statement/2020/07/18/world-bank-group-president-david-malpass-remarks-at-the-g20-finance-ministers-and-central-bank-governors-meeting>

Resposta do FMI à COVID-19

Iniciativas pelo mundo

Chade

No dia 13 de julho de 2020, o Fundo Monetário Internacional (FMI) concluiu as discussões para um segundo desembolso até o final de julho de US \$ 68 milhões no *Rapid Credit Facility* (RCF). Esse segundo desembolso emergencial permitirá às autoridades atender às necessidades urgentes de orçamento e balança de pagamentos decorrentes da deterioração das condições econômicas globais e da contenção da pandemia da COVID-19. A economia do Chade foi severamente impactada pela dupla pandemia da COVID-19 e choques nos termos de troca.

Os recursos adicionais do RCF vão ajudar as necessidades urgentes de financiamento, inclusive na área da saúde, proteção social e apoio aos setores e grupos vulneráveis mais impactados.

O Chade está enfrentando sérios desafios com a pandemia da COVID-19 e os termos de troca de gêneros. Os preços deprimidos das commodities, a fraca demanda externa e as medidas domésticas de contenção estão pesando nas perspectivas e estão causando efeitos econômicos e sociais adversos significativos. Prevê-se que a atividade econômica se contraia fortemente, com necessidades de financiamento fiscal e externo maiores do que as estimadas pelo RCF aprovado em meados de abril.

Sr. Edward Gemayel, Chefe de Missão do Chade do FMI.

Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/07/13/pr20257-chad-imf-staff-completes-discussions-for-additional-us-68m-disbursement-address-covid19>

Zâmbia

Uma equipe do FMI realizou reuniões virtuais, entre 22 de junho e 10 de julho, para discutir o pedido de apoio de emergência do Governo da Zâmbia no âmbito do *Rapid Credit Facility*. As discussões abordaram políticas de curto e médio prazo para enfrentar esses desafios e as vulnerabilidades macroeconômicas subjacentes, incluindo os principais elementos do orçamento revisado para 2020, com foco nos gastos com a resposta à COVID-19 em saúde, social e econômica. As discussões continuarão à medida que as autoridades determinarem suas políticas e prioridades na formulação do orçamento revisado para 2020, bem como a orientação fiscal de médio prazo necessária para restaurar a sustentabilidade da dívida, reavivar o crescimento e reduzir a pobreza.

Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/07/15/pr20260-zambia-imf-staff-completes-virtual-mission>

Participação do FMI na Reunião virtual dos Ministros da Fazenda e Diretores do Banco Central do G20, realizada no dia 18 de julho de 2020.

O FMI publicou uma “Nota de Vigilância” preparada por sua equipe para a Reunião Virtual do dia 18 de julho. Abaixo encontra-se um resumo do documento.

A pandemia entrou em uma nova fase. A Covid-19 continua a se espalhar, embora com velocidades diferentes entre os países. Algumas economias avançadas inicialmente atingidas pela crise já estabilizaram ou reduziram as taxas de infecção, enquanto algumas economias emergentes estão passando por uma rápida transmissão. As restrições de mobilidade estão sendo atenuadas, mas é provável que o distanciamento social prevaleça por algum tempo.

A atividade econômica global está começando a se recuperar de um nível muito baixo. Os serviços com contato intenso foram particularmente afetados, mas indicadores recentes apontam para estabilização ou uma pequena retomada. As condições financeiras foram aliviadas com amplo apoio político, inclusive para algumas economias de mercado emergentes que estão vendo um retorno das entradas de capital. Os preços das commodities estabilizaram ou subiram.

A produção global deverá diminuir em 4,9 por cento este ano. Espera-se uma recuperação morna para o próximo ano, e possíveis cicatrizes por falências e desemprego persistente pesam sobre as perspectivas. A pobreza e a desigualdade devem piorar.

O apoio a políticas tem sido extensivo na maioria das economias do G-20. A política fiscal forneceu apoio a indivíduos, empresas e setor de saúde. Em meio à inflação baixa, a política monetária foi facilitada decisivamente por meio de cortes nas taxas de juros e medidas não convencionais para ajudar o funcionamento dos mercados. Os reguladores permitiram que os bancos usassem amortecedores de capital e liquidez para apoiar empréstimos.

Os formuladores de políticas devem continuar fornecendo redes de segurança robustas, garantindo as bases para uma recuperação resiliente e inclusiva. As taxas de desemprego são altas e é improvável que retornem rapidamente aos níveis pré-crise. A provisão de seguro-desemprego e proteção social adequados continua sendo necessária. Com a atividade fraca continuada, as falências devem aumentar, deixando os governos com escolhas difíceis sobre se e como apoiar as empresas. A provisão de liquidez pode ser suficiente para indústrias onde as perdas de receita parecem temporárias, enquanto injeções de capital podem ser necessárias para algumas empresas insolventes, essenciais para combater a pandemia ou das quais muitas outras dependem. Além disso, medidas de apoio não devem impedir a realocação de trabalhadores para setores em expansão. Paralelamente, qualquer suspensão das medidas de bloqueio deve ser apoiada por medidas de saúde pública para manter o controle sobre a doença. Embora as necessidades políticas sejam semelhantes entre os países, a capacidade financeira e administrativa para implementá-las varia muito. Economias com menos espaço fiscal terão que priorizar gastos em saúde e sociais.

Os esforços coletivos do G-20 são essenciais para acabar com a crise da saúde e reacender o crescimento. Os formuladores de políticas devem trabalhar juntos para garantir a produção e distribuição de bens e suprimentos de saúde essenciais para combater a pandemia, especialmente as vacinas. As restrições comerciais sobre bens essenciais devem ser levantadas, pois retardam a luta contra a pandemia. As economias em desenvolvimento precisam de apoio para financiar gastos críticos, tornando todos os países mais seguros. É necessário um planejamento prévio, pois a rede de segurança financeira global pode ser testada ainda mais. As incertezas remanescentes em torno da Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida do G-20

devem ser esclarecidas. Sem vigilância e colaboração, a pandemia continuará a se espalhar. Todas as oportunidades devem ser aproveitadas para promover um futuro mais forte, mais inclusivo e mais verde.

Disponível em: <https://www.imf.org/external/np/g20/pdf/2020/071620.pdf>

Relatório: Panorama Econômico Regional - Oriente Médio e Ásia Central

Segundo os estudos do FMI, os países do Oriente Médio e Ásia Central reagiu à pandemia global do COVID-19 com medidas rápidas e rigorosas que salvaram vidas. No entanto, essas políticas também tiveram um grande impacto na atividade econômica doméstica. Apesar de todos os esforços, a pandemia infligiu grandes prejuízos econômicos à região. As projeções de crescimento foram revisadas desde o relatório sobre Panorama Econômico Regional de abril de 2020¹, como afirma o FMI em sua última atualização.

As quedas acentuadas nos preços do petróleo, juntamente com cortes na produção entre exportadores de petróleo e interrupções no comércio e no turismo, adicionaram mais turbulências ao panorama regional. Como resultado, o crescimento na região agora é projetado em -4,7% em 2020, 2 pontos percentuais abaixo de abril de 2020. O Fundo ressalta que, entre os países que são frágeis e em situação de conflito na região, a produção agora deve diminuir em 13% em 2020.

O nível incomumente alto de incerteza em relação à duração da pandemia e seu impacto nos fechamentos de empresas, os riscos negativos resultantes (incluindo distúrbios sociais e instabilidade política), e potencial volatilidade renovada nos mercados globais de petróleo dominam as perspectivas. Igualmente, a pandemia continuará testando a capacidade dos sistemas de saúde e a resiliência econômica dos países.

Embora a garantia de sistemas de saúde fortes continue sendo a prioridade imediata, os governos também devem se concentrar no apoio à recuperação e na criação de redes de segurança social resilientes e bem direcionadas. À medida que a pandemia diminui, os países devem facilitar a recuperação, facilitando a realocação de trabalhadores e recursos, conforme necessário, retomando o ajuste fiscal gradual e reconstruindo os amortecedores das políticas. O apoio multilateral pode desempenhar um papel fundamental para ajudar os países a superar esses choques.

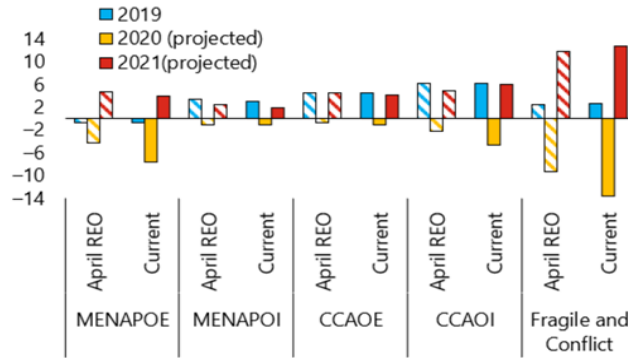
O Relatório mostra cinco gráficos que ajudam a contar a história do impacto econômico do COVID-19 na região:

¹ Regional Economic Outlook, April 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/REO/MECA/Issues/2020/07/13/regional-economic-outlook-update-menap-cca#report>

1. O crescimento do PIB na região

GDP growth in the region

Growth projections for the region have been revised down since April, particularly among oil exporters in the Middle East, North Africa, Afghanistan and Pakistan (MENAP) region. (percent)



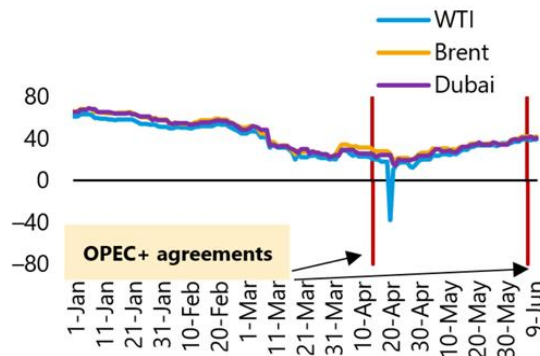
Sources: National authorities; and IMF staff calculations.
 Notes: MENAPOE = Middle East, North Africa, Afghanistan and Pakistan Region Oil Exporters. MENAPOI = Middle East, North Africa, Afghanistan and Pakistan Region Oil Importers. CCAOE = Caucasus and Central Asia Region Oil Exporters. CCAOI = Caucasus and Central Asia Region Oil Importers.



- 2. Os exportadores de petróleo enfrentaram um duplo impacto causado por bloqueios e graves flutuações no mercado de petróleo. Grande parte da revisão de crescimento da região é impulsionada pela atividade enfraquecida entre os exportadores de petróleo do Oriente Médio, norte da África, Afeganistão e Paquistão (MENAP).

Oil shock

While prices have stabilized somewhat recently, the price of oil plummeted soon after the pandemic spread. (USD per barrel, 2020)

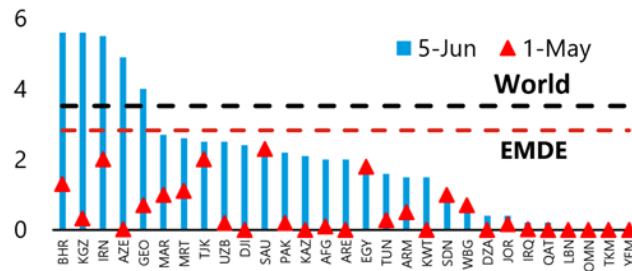


Source: Bloomberg L.P.
 Note: OPEC+ = Organization of Petroleum Exporting Countries and other major oil producers; WTI = West Texas Intermediate.



- 3. A imediata resposta política dos países da região à pandemia se concentrou nos gastos com saúde, apoiando os mais vulneráveis economicamente e assegurando provisão de liquidez. No entanto, o tamanho médio dos pacotes de alívio fiscal foi menor do que em outras regiões do mundo.

Fiscal support in response to COVID-19
 Limited policy space constrained many MCD countries.
 (percent of GDP)

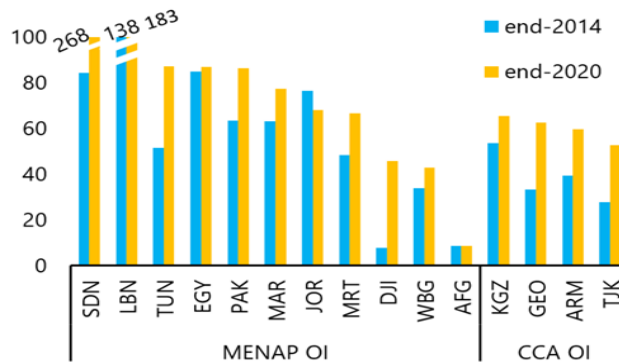


Sources: IMF COVID-19 Policy Tracker; and IMF staff calculations.
 Note: EMDE = emerging and developing economies. Date refers to the vintage of the policy tracker by IMF country teams. World and EMDE are regional averages. Country abbreviations are International Organization for Standardization (ISO) country codes.



- 4. A crise também levou a uma erosão significativa do espaço fiscal. As preocupações com a sustentabilidade da dívida são um desafio crescente para os importadores de petróleo.

Debt mounts for oil importers
 Rising deficits are heightening debt concerns, particularly for Caucasus and Central Asia (CCA) countries that had strong COVID-19 policy responses.
 (percent of GDP)



Sources: National authorities; and IMF staff calculations. Country abbreviations are International Organization for Standardization (ISO) country codes.
 Notes: Country abbreviations are International Organization Standardization (ISO) country codes. MENAPOI = Middle East, North Africa, Afghanistan and Pakistan Region Oil Importers. CCAOI = Caucasus and Central Asia Region Oil Importers.

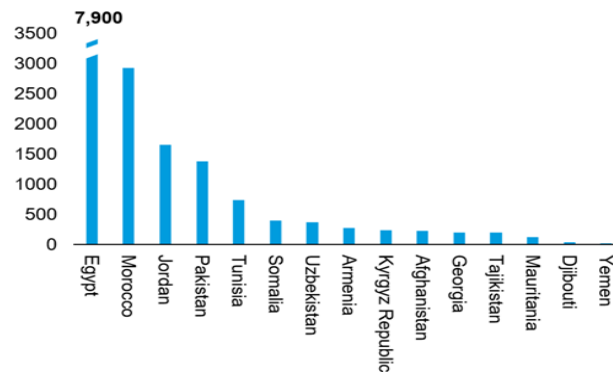


- 5. Entre as perspectivas de uma recuperação prolongada nas principais fontes de renda da região (petróleo, turismo e remessas), as reservas internacionais podem se contrair substancialmente nos países do MENAP e da CCA.

IMF aid to the Middle East and Central Asia

A number of countries across the region requested IMF aid in the wake of the pandemic.

(January-June 2020, US\$mn)



Source: IMF staff calculations.

INTERNATIONAL MONETARY FUND

Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/07/14/na071420-five-charts-that-illustrate-covid19s-impact-on-the-middle-east-and-central-asia>

Resposta do BID à COVID-19

Iniciativas do BID pela região

No dia 13 de julho, em Barbados, os Presidentes do Banco de Desenvolvimento do Caribe (CDB)² e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e o Diretor Presidente do BID Invest³, assinaram um acordo de cooperação mútua. O novo acordo entre o Grupo BID e o CDB apoiam o desenvolvimento econômico e a integração da comunidade do Caribe e do mercado comum.

O novo acordo estabelece como o CDB, o BID e o BID Invest cooperarão no financiamento ou cofinanciamento de projetos, a fim de construir uma dependência social, econômica e ambiental na Região, para aumentar a inclusão e a igualdade e melhorar a boa governança e inovação. O acordo inclui serviços financeiros e de consultoria conjuntos e capacitação e treinamento.

Este acordo ajudará a região do Caribe em um momento crítico, quando os países enfrentarem enormes desafios para transformar suas economias pós-pandemia, a fim de se tornarem mais sustentáveis e mais resistentes a desastres naturais e mais capazes de aproveitar as energias criativas de seu povo. (Luis Alberto Moreno, Presidente do BID) Disponível em:

<https://www.iadb.org/en/news/cdb-idb-group-boost-cooperation-improve-lives-caribbean-people>

² O Banco de Desenvolvimento do Caribe é uma instituição financeira regional criada em 1970 com o objetivo de contribuir para o crescimento econômico e o desenvolvimento de seus países membros mutuários (BMCs). Além dos 19 BMCs, os membros do CDB incluem quatro membros regionais que não tomam empréstimos - Brasil, Colômbia, México e Venezuela e cinco membros não regionais que não tomam empréstimos; ou seja, Canadá, China, Alemanha, Itália e Reino Unido. O total de ativos do CDB em 31 de dezembro de 2018 era de US \$ 3,24 bilhões (bilhões). Isso inclui US \$ 1,75 bilhão em Recursos de Capital Ordinário e US \$ 1,49 bilhão em Recursos de Fundos Especiais. O Banco está classificado como Aa1 Estável com Moody's, AA + Estável com Standard & Poor's e AA + Estável com FitchRatings.

³ O BID Invest, membro do Grupo BID, é um banco multilateral de desenvolvimento comprometido em promover o desenvolvimento econômico de seus países membros na América Latina e no Caribe por meio do setor privado. O BID Invest financia projetos e empresas sustentáveis para ajudar a garantir resultados financeiros e maximizar o desenvolvimento econômico, social e ambiental da região. Com uma carteira de US \$ 12,088 bilhões em ativos sob gestão e 333 clientes em 24 países, o BID Invest fornece soluções financeiras inovadoras e serviços de consultoria que atendem às necessidades de seus clientes em diversos setores.

Resposta do G20 e da OCDE à COVID-19

Luiz Eduardo Fonseca

G20

O fato mais importante da semana foi o **Encontro Virtual de Dirigentes de Ministérios das Finanças e Bancos Centrais do G20**, em 18 de julho de 2020, que resultou num comunicado conjunto. Como predisse Jeffrey Sachs o G20 está mais preocupado com o equilíbrio econômico e financeiro dos grandes mercados e, embora defenda o multilateralismo, ainda não assume uma postura mais firme e suas ações ainda refletem uma liderança geopolítica americana, como o de apoiar uma avaliação da resposta da OMS à pandemia ao mesmo tempo que apoia o efetivo apoio econômico às empresas.

https://www.mof.go.jp/english/international_policy/convention/g20/g20_200718.pdf

Resumo do comunicado

1. A atividade econômica global deve contrair fortemente em 2020. Embora se espera recuperação daqui para frente, à medida que as economias reabram gradualmente e os impactos de nossas ações políticas se materializem.
2. Estão sendo tomadas medidas imediatas e excepcionais para enfrentar a pandemia e seus impactos entrelaçados na saúde e nas áreas sociais e econômicas, inclusive através da implementação de ações de estabilidade fiscal, monetária e financeira sem precedentes, garantindo que as Instituições Financeiras Internacionais (IFIs) e organizações internacionais relevantes possam fornecer apoio crítico aos países emergentes, em desenvolvimento e de baixa renda.
3. O Plano de Ação do G20, aprovado em 15 de abril de 2020, estabelece os princípios fundamentais que norteiam nossa resposta e compromissos, com ações específicas para impulsionar a cooperação econômica internacional à medida que navegamos nesta crise e esperamos uma recuperação econômica global robusta, sustentada e inclusiva. Fizemos progressos substantivos na implementação do Plano de Ação do G20 e endossamos o primeiro Relatório de Progresso do Plano de Ação do G20 (Anexo I).
4. A pandemia COVID-19 reforçou a **necessidade de melhorar o acesso a oportunidades para todos**. Congratulamo-nos com os avanços alcançados no âmbito da Iniciativa de Suspensão do Serviço de Dívida (DSSI). Até 18 de julho de 2020, 42 países solicitaram o benefício do DSSI, totalizando cerca de US\$ 5,3 bilhões do serviço da dívida de 2020 a ser diferido. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Grupo Banco Mundial (WBG) propuseram um quadro de monitoramento fiscal e um processo para fortalecer a qualidade e a consistência dos dados da dívida e melhorar a divulgação da dívida. Para fornecer o máximo de suporte aos países elegíveis ao DSSI, continuaremos a coordenar de perto em sua implementação. **Todos os credores bilaterais oficiais devem implementar essa iniciativa de forma transparente e transparente.** Enquanto protegem suas classificações atuais e o baixo custo de financiamento, os Bancos Multilaterais de Desenvolvimento (MDBs) são encorajados a avançar em seus esforços coletivos para apoiar o DSSI, inclusive fornecendo aos países elegíveis ao DSSI fluxos financeiros positivos durante o período de suspensão do DSSI, e mais detalhes sobre o novo dinheiro fornecido a cada país elegível. Tomamos nota dos Termos de Referência do Instituto de Finanças Internacionais (IIF) para participação voluntária do setor privado.
5. Congratulamo-nos com a Conferência Ministerial de Alto Nível realizada pelo G20 e pelo Fórum de Paris em 8 de julho de 2020 "Enfrentando a Crise COVID-19 – Restaurando Fluxos Sustentáveis de Capital e Financiamento Robusto para o Desenvolvimento".
6. Reiteramos nosso compromisso de garantir uma **rede de segurança financeira global** com um FMI mais forte, baseado em cotas e com recursos adequados sob revisão atenta.

Congratulamo-nos com as ações tomadas pelo FMI em resposta à crise. Congratulamo-nos com as contribuições financeiras imediatas prometidas para fortalecer a capacidade de resposta à crise do FMI para atender às necessidades críticas de financiamento dos países de baixa renda e exigir contribuições cada vez mais urgentes.

7. A infraestrutura é um motor do crescimento e da prosperidade, é fundamental para promover a recuperação econômica e a resiliência, e pode ser ainda mais aprimorada através do uso da tecnologia, com o objetivo de melhorar as decisões de investimento ao longo do ciclo de vida, aumentar o valor para o dinheiro dos projetos de infraestrutura e promover investimentos de infraestrutura de qualidade para a entrega de melhores resultados sociais, econômicos e ambientais.
8. Continuaremos nossa cooperação para um **sistema tributário internacional** globalmente justo, sustentável e moderno, com apoio da OCDE. A pandemia tem impactado o trabalho de enfrentamento dos desafios fiscais decorrentes da digitalização da economia.
9. Reiteramos nosso compromisso com os cinco princípios estabelecidos no relatório do Conselho de Estabilidade Financeira (FSB) do G20 sobre o COVID-19, em abril de 2020, que sustentam as respostas nacionais e internacionais à pandemia, cujas respostas foram em grande parte alinhadas e reafirmaram o compromisso com as normas internacionais.
10. A pandemia reafirmou a necessidade de melhorar os arranjos globais de pagamento transfronteiriços para facilitar transações de pagamento mais baratas, rápidas, acessíveis e transparentes, inclusive para remessas. Congratulamo-nos com o relatório fase dois da Comissão de Pagamentos e Infraestruturas de Mercado (CPMI).
11. Deve-se aproveitar as oportunidades das tecnologias digitais para promover a inclusão financeira, endossamos as diretrizes políticas de alto nível do G20 sobre inclusão financeira digital para jovens, mulheres e P&ME preparadas pela Global Partnership for Financial Inclusion (GPFI).
12. Apoiamos as medidas políticas anti-lavagem de dinheiro (AML)/Contra-terrorismo (CFT) detalhadas no relatório da Força-Tarefa de Ação Financeira (FATF) sobre o COVID-19, e reafirmamos nosso apoio à FATF, como o órgão global de definição de padrões para prevenir e combater a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo.
13. Enfatizamos nosso apoio contínuo à iniciativa do Pacto do G20 com a África (CwA) e ressaltamos a importância da cooperação entre todos os parceiros.

Primeiro relatório de progresso do plano de ação do G20

Pilar 1: A Resposta à Saúde – Salvando Vidas

Os 6 pontos de comprometimento, sendo 4 relacionados com saúde diretamente e 2 ligados a economia. O primeiro ponto relacionado com a saúde diz respeito ao cumprimento do Regulamento Sanitário Internacional em tempo e de forma transparente e o relatório faz referência à Resolução A73/1 no sentido de pontuar que a OMS se comprometeu a realizar uma avaliação internacional da sua resposta!! O 2º, 3º e 4º pontos dizem respeito ao financiamento para as ações de saúde e o relatório menciona as iniciativas ACT-Accelerator e o “Coronavirus Global Response Pledging Summit” da OMS como atividade relacionada. O 5º ponto é sobre a questão do comércio de equipamento para a pandemia e o relatório menciona a reunião de ministros do comércio do G20, que pouca iniciativa concerta apresentou. E quanto ao 6º ponto sobre convocar os ministérios da economia para apoiar a saúde ficou para setembro.

Pilar 2: Resposta Econômica e Financeira – apoiar os vulneráveis e manter condições para uma forte recuperação

Em todas as economias avançadas do G20, o **apoio financeiro para as empresas** compõe a maior parte das medidas fiscais – equivalente a 15% (aprox.) do PIB contra 7,5% (aprox.) do PIB para apoio não-empresarial, em média. Entre as economias de mercados emergentes do G20, as intervenções fiscais também se concentraram no setor empresarial – equivalente a 4% (cerca

de 4) do PIB contra cerca de 2,5% do PIB para apoio não empresarial, em média. A maioria dos membros anunciou amplo apoio na forma de empréstimos, capitalizações e garantias de empréstimos, fornecendo financiamento emergencial às empresas, abordando tensões nos fluxos de caixa e saídas. Os bancos centrais responderam oferecendo medidas de liquidez de curto prazo, e muitos governos forneceram medidas direcionadas para evitar uma onda de insolvências de empresas fundamentalmente viáveis, minimizando o custo fiscal. Os governos forneceram subsídios às empresas para manter os funcionários em folha de pagamento e/ou reembolsos de prêmios de seguros se as empresas minimizassem as demissões. Os membros do G20 tomaram medidas significativas para apoiar os indivíduos, sua ligação com o mercado de trabalho e apoiar famílias vulneráveis com o objetivo de reduzir (ou pelo menos limitar um aumento da) desigualdade. A crise da COVID-19 em curso afetou o comércio global através de efeitos na oferta, demanda e sequenciamento.

Pilar 3: Voltando ao crescimento forte, sustentável, equilibrado e inclusivo uma vez que as medidas de contenção forem levantadas

Diferentes países estão em diferentes estágios da crise e controlar a propagação do vírus continua sendo essencial para o retorno ao crescimento sustentável. A duração e a data de início e fim das medidas de contenção variaram entre os países do G20. Os ministros do comércio do G20 acordaram por ações coletivas de longo prazo com o apoio ao sistema multilateral de comércio; construindo resiliência nas cadeias globais de suprimentos e fortalecendo o investimento internacional. O Grupo de Trabalho-Quadro do G20 já teve uma discussão substantiva sobre a recuperação econômica do grupo, e como os membros do G20 podem compartilhar experiências e perspectivas para apoiar a normalização do apoio interno e minimizar as repercussões negativas. A OCDE reportará mais plenamente em outubro, uma vez que os países tenham começado a implementar pacotes de recuperação.

Pilar 4: Apoio internacional aos países necessitados

Ações rápidas e coordenadas são necessárias para continuar a fornecer uma resposta financeira eficaz à pandemia e seus impactos, ao mesmo tempo em que apoiam a estabilidade financeira global e a resiliência. As medidas de apoio internacional tomadas para combater o surto de COVID-19 e seus impactos na saúde e na economia **incluem passos importantes do FMI, Banco Mundial, vários bancos multilaterais e regionais de desenvolvimento, credores oficiais e bancos centrais.**

Pilar 5: Lições para o Futuro

De acordo com o compromisso dos líderes do G20, uma reunião conjunta dos Ministros das Finanças e da Saúde do G20 será realizada em setembro de 2020 para discutir o progresso e as lacunas globais na preparação e resposta da pandemia. Uma seção específica dentro da Agenda InfraTech está sendo expandida para considerar os benefícios das tecnologias de infraestrutura em casos de pandemia. Para estar mais bem preparado com uma ação coordenada para enfrentar os riscos globais, o G20 continuará trabalhando no aprimoramento do monitoramento global de riscos e trabalhará para finalizar uma matriz de risco global, incluindo os riscos de pandemia, riscos externos não previsíveis e outros riscos de alto impacto.

OCDE

O fato mais importante da semana na OCDE foi o lançamento do relatório sobre desenvolvimento agrícola produzido pela FAO e OCDE.

16 de julho de 2020

Perspectiva Agrícola da OCDE-FAO 2020-2029 - Aumento das incertezas do Covid-19

<https://www.oecd-ilibrary.org/sites/1112c23b-en/index.html?itemId=/content/publication/1112c23b-en>

A luta contra a pandemia global COVID-19 está causando incertezas sem precedentes nas cadeias globais de fornecimento de alimentos, com potenciais gargalos nos mercados de trabalho, indústrias de insumos, produção agrícola, processamento de alimentos, transporte e logística, além de mudanças na demanda por serviços de alimentos e alimentos. No curto prazo, os impactos econômicos e sociais da pandemia interrompem a perspectiva de médio prazo geralmente positiva para a produção agrícola global e o consumo de alimentos. Os governos enfrentam o desafio de criar políticas equilibradas que vão de encontro às necessidades imediatas, como a escassez de mão-de-obra e criar condições duradouras para que o setor agrícola "volte a crescer melhor", de acordo com um novo relatório apresentado dia 16/7 pelo secretário-geral da OCDE, Angel Gurría, e pelo diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), QU Dongyu.

O relatório conclui que nos próximos dez anos o crescimento da oferta vai superar o crescimento da demanda, fazendo com que os preços reais da maioria das commodities permaneçam estabilizados ou abaixo de seus níveis atuais. Flutuações nos fatores propulsores da oferta e da demanda podem levar a fortes variações de preços em torno dessa tendência geral. Ao mesmo tempo, espera-se que uma redução da renda disponível em países de baixa renda e famílias, causada pelo COVID-19, deprimirá a demanda nos primeiros anos dessa perspectiva e possa prejudicar ainda mais a segurança alimentar. Uma população global em expansão continua sendo o principal motor do crescimento da demanda, embora os padrões de consumo e as tendências projetadas variem entre os países em consonância com seu nível de renda e desenvolvimento.

Mercados internacionais abertos e transparentes serão cada vez mais importantes para a segurança alimentar, especialmente em países onde as importações representam grande parte de seu consumo total de calorias e proteínas. *"Um sistema de comércio internacional bem funcional e previsível pode ajudar a garantir a segurança alimentar global e permitir que os produtores dos países exportadores prosperem"*, disse Gurría. *"A experiência mostrou que as restrições comerciais não são receita para a segurança alimentar."*

BRICS e a resposta à Covid-19

Claudia Hoirish

4ª Chamada conjunta dos BRICS para apoio de pesquisas para enfrentar a Covid-19

Os ministérios de Ciência e Tecnologia dos países componentes dos BRICS lançaram uma chamada para apoiar projetos de pesquisa de cooperação internacional para enfrentamento da Covid-19. As propostas devem envolver pelo menos 3 dos 5 países do bloco. Serão apoiados projetos com até 2 anos de duração em 5 linhas de pesquisa, como novas tecnologias de diagnóstico, vacinas, medicamentos e sequenciamento genético do vírus. A chamada conta com recursos de R\$ 5 milhões do MCTI e R\$ 1 milhão do MS.

Essa é a quarta chamada conjunta lançada pelos 5 países, mas a primeira sobre um tema específico. Desde 2015, os BRICS financiam conjuntamente pesquisas por meio de suas agências de fomento à C,T&I. Como forma de aumentar parcerias entre suas comunidades de pesquisa no tema da Covid-19, os Ministérios de C,T&I também têm organizado uma série de seminários virtuais, com participação de especialistas dos cinco países. Dos 6 eventos previstos, 5 já foram realizados, e tiveram como temas as linhas de pesquisa da própria Chamada Conjunta.

Para ser apoiada, a pesquisa deve se encaixar nas seguintes linhas:

1. P&D de novas ferramentas para diagnósticos da COVID-19.
2. P&D de vacinas e medicamentos para Covid-19, incluindo o reposicionamento de medicamentos disponíveis.
3. Sequenciamento genético e estudos sobre epidemiologia e modelagem matemática da pandemia de COVID-19.
4. Inteligência Artificial, TICs e Computação de Alto Desempenho orientados à pesquisa para novos medicamentos, desenvolvimento de vacinas, tratamentos, testes clínicos e sistemas e infraestruturas de saúde relacionados à Covid-19
5. Estudos epidemiológicos e testes clínicos para avaliar a sobreposição do novo coronavírus e outras co-morbidades, em especial TB.

A convocatória global encontra-se disponível na página: <http://brics-sti.org> e a chamada nacional está no ar no site do CNPq: http://www.cnpq.br/web/guest/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_OZaM&filtro=abertas&detalha=chamadaDivulgada&idDivulgacao=9662. A data limite para submissão de propostas é 28 de agosto.

Relatório da Situação da COVID na América Latina

Sebastian Tobar

Até o dia 19 de julho, alcançamos 7,5 milhões de casos e 308.432 mortes em toda a Região das Américas. Isso equivale a aproximadamente metade de todos os casos e mortes relatados em todo o mundo. De uma semana para outra, observa-se o crescimento de mais de um milhão de casos e 25 mil mortes. O número de pessoas que morrem com o COVID-19 também está aumentando, principalmente no Brasil, México e Estados Unidos.

No caso de América Latina os casos positivos cresceram mais de 515.759 e 19.854 óbitos, representando esta semana 3.766.333 casos e 160.629 mortes, respectivamente.

Vale ressaltar que cinco países das Américas estão entre os 10 com mais casos no mundo (Estados Unidos, Brasil, Peru, Chile e México).

Os grupos populacionais mais vulneráveis foram severamente afetados. Por exemplo, as comunidades indígenas em toda a bacia amazônica estão vendo mais incidentes cinco vezes maiores que a população em geral.

	País	Casos Confirmados	Falecimentos	Recuperados	População em Miles
Norte América	Canadá	109.999	8.848	96.914	37.742
	Estados Unidos	3.618.497	135.591	1.122.336	328.000
	México	338.913	38.888	213.006	128.933
Total Norte América		4.067.404	186.327	1.432.256	494.675
Sul América	Argentina	122.524	2.246	54.105	45.196
	Bolívia	58.138	2.106	18.200	11.501
	Brasil	2.074.860	78.772	1.342.362	212.559
	Chile	330.930	8.503	301.794	19.116
	Colômbia	190.700	6.516	85.836	50.883
	Equador	74.013	5.313	31.901	17.643
	Paraguai	3.629	29	1.643	7.183
	Peru	349.500	12.998	238.086	32.972
	Uruguai	1.044	33	921	3.474
Venezuela	11.483	110	3.972	28.436	
Total Sul América		3.216.821	116.626	2.078.820	691.644
Centro América	Belize	40	2	22	398
	Costa Rica	10.551	54	2.902	5.094
	El Salvador	11.846	335	6.705	6.486
	Guatemala	38.042	1.449	23.365	17.916
	Honduras	32.793	891	3.661	9.905
	Nicarágua	2.712	99	2.282	6625
	Panamá	52.261	1.071	27.494	4.315
Total Centro América		148.245	3.901	66.431	37.742
Caribe e Islãs do Oceano Atlântico	Cuba	2.446	87	2.308	11.327
	Haiti	7.053	146	3.877	11.403
	República Dominicana	52.855	981	25.094	11.630
	Resto dos Países do Caribe Islãs y Territórios	22.883	364	7.222	10.901
Total Caribe e Islãs do Oceano Atlântico		85.237	1.578	38.501	45.261
TOTAL DE LA REGION DAS AMERICAS		7.517.712	308.432	3.616.008	

Fuente: <https://ais.paho.org/hip/viz/COVID19Table.asp>. Acesso 19 de Julho de 2020

Dimensão Económica da Região

A contração da América Latina neste ano vai ser maior do previsto, por causa da extensão da pandemia, com países tendo de retomar medidas de distanciamento social e retardando a abertura da economia.

A CEPAL estima a retração de 9,2 do PIB da região este ano. Entre os países que mais devem ser afetados estão Peru, Argentina, Brasil, México e Venezuela.

A duração das medidas de isolamento e o estancamento de atividades de turismo e menos exportações, tem levado a uma revisão dos cálculos feitos no mês de abril. Hoje estão pior economicamente os países que aplicaram medidas de distanciamento social tiveram que ser retomadas o prorrogadas como Peru e Chile, ou cujos pacotes fiscais e monetários foram tímidos como México. No caso deste último país, a recessão está batendo fundo.

A forte desaceleração da economia da região vai se traduzir em uma queda do 9,1 % do PIB per capita. Segundo a CEPAL a região vai ter um retrocesso de dez anos voltando ao crescimento de 2010.

Região/Pais	2019	2020
América Latina	0,0	-9,1
Brasil	1,1	-9,2
Argentina	-2,1	-10,5
Colômbia	3,3	-5,6
Uruguai	0,2	-5,0
México	-0,3	-9,0
Bolívia	2,2	-5,2
Equador	0,1	-9,0
Chile	1,1	-7,9
Peru	2,2	-13,0
Paraguai	0,0	-2,3
Venezuela	-25,5	-26,0

Fuente: IBGE e CEPAL. Elaboração Valor Data Projeção

Em Cuba, já a caminho de seu terceiro estágio de "restaurar a normalidade" , os efeitos da pandemia de coronavírus, que agravou dramaticamente a profunda crise pela qual a ilha está passando devido à ineficiência do sistema produtivo estatal e à escalada do embargo pelo governo do presidente Donald Trump, forçaram o governo cubano a reagir com um plano de reforma estrutural que expanda consideravelmente as margens de ação do setor privado, juntamente com uma série de medidas emergenciais, como a eliminação do imposto sobre o dólar, com o objetivo de aliviar a extrema falta de liquidez.

Diplomacia da Saúde

O Dr. Tedros destaca a situação dos povos indígenas e do COVID19 na América Latina

Em 20 de julho, o diretor-geral da OMS, Dr. Tedros, deu uma conferência de imprensa em que sustentava que as populações indígenas, especialmente as latino-americanas, são as mais

vulneráveis ao corona vírus. Como outros grupos vulneráveis, os povos indígenas enfrentam muitos desafios. Incluindo a falta de representação política, sua marginalização, falta de acesso a água potável e saneamento, problemas de acesso à educação e serviços sociais, desemprego, bem como a presença de doenças transmissíveis e não transmissíveis, os tornam mais vulneráveis.

Em 6 de julho, mais de 80.000 casos foram registrados entre os povos indígenas e mais de 2.000 mortes. "Recentemente, pelo menos seis casos foram relatados entre o povo Nahua, que vive na Amazônia peruana."

Tedros ressalta que uma das ferramentas fundamentais para interromper a transmissão nos povos indígenas é o rastreamento de contatos. "Aplicativos móveis podem suportar essa trilha, mas nada substituirá os trabalhadores de porta em porta".

A OMS fica trabalhando com os povos amazônicos para aumentar o controle da COVID19.

OTCA e CEPAL realizam reunião conjunta de coordenação de trabalho para a Região Amazônica.

Nesse sentido, assinaram um acordo entre a CEPAL e a OTCA para estabelecer os termos e mecanismos de colaboração destinados ao desenvolvimento e execução de iniciativas de cooperação técnica para identificar e fortalecer as perspectivas de desenvolvimento sustentável na Região Amazônica, avançando adequadamente a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Webinar: Gerenciamento de ações para enfrentar a troca de experiências Covid-19- entre a Itália e os países da Amazônia (23 de julho)

A Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), a Organização Internacional ítalo-latino-americana (IILA) e a Organização Pan-Americana da Saúde, Programa Sub-Regional para a América do Sul - SAM (OPAS / OMS) realizarão um webinar em 23 de julho com o objetivo de compartilhar a experiência italiana na gestão de ações para enfrentar a emergência do Covid-19 na região amazônica e promover o intercâmbio de experiências entre a Itália e os países amazônicos.

Link de registro: https://zoom.us/webinar/register/WN_C7fL1_eQHwBFxuxkpwa4w

Presença da América Latina no multilateralismo

Roberto Azevedo, (brasileiro), que preside a Organização Mundial do Comércio (OMC) desde 2013, anunciou em meados de maio que deixará o cargo (seu mandato expirou no próximo ano). Ele alegou motivos pessoais. Amigos dele especulam que ele entre em atividade privada, talvez administrando a poderosa empresa chinesa Alibaba.

A saída de Azevedo provocou várias candidaturas para sucedê-lo em uma organização que estará ligada ao comércio e à sua proteção em um cenário pós-pandemia e em meio a tensões entre os EUA e a China.

Há oito candidatos ao cargo, entre os quais Jesús Seade, indicado pelo governo mexicano. Seade é o subsecretário para a América do Norte da Secretaria de Relações Exteriores de seu país. A partir dessa condição, foi negociada o novo Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), com os Estados Unidos e o Canadá.

Há oito candidatos ao cargo, entre os quais Jesús Seade, indicado pelo governo mexicano. Seade é o subsecretário para a América do Norte da Secretaria de Relações Exteriores de seu país. A partir dessa condição, foi negociada o novo Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), com os Estados Unidos e o Canadá.

O México aspira a obter o apoio dos Estados Unidos para a Seade. Na reunião entre Trump e López Obrador, aparentemente o apoio da Casa Branca à Seade e o do México para que Trump presidisse o Banco Interamericano de Desenvolvimento teriam sido negociados. Claver-Carone já conta com o apoio do Brasil, Colômbia e Venezuela, representados pelo governo interino de Juan Guaidó.

O problema é que Marcelo Ebrard, chanceler mexicano, há muito tempo oficializou o apoio de seu país ao argentino Gustavo Béliz, secretário de Assuntos Estratégicos do governo Alberto Fernández.

A eleição do presidente do BID será em setembro. É possível que, em uma primeira rodada, o México encontre Béliz. Mas que, no final, vote no candidato de Trump. O interesse dos Estados Unidos no BID é uma estratégia para restabelecer os laços com os países da região, numa época em que as relações com a China estão se estreitando.

O CONTINENTE AFRICANO E A COVID-19

Augusto Paulo Silva e Felix Rosenberg

CDC ÁFRICA⁴

A organização continua as ações de resposta focadas mais essencialmente no apoio ao fortalecimento da vigilância, do laboratório, na comunicação de risco e na formação e capacitação de recursos humanos através da realização de webinars regulares, exclusivamente em inglês e francês, limitando ainda mais a participação dos países de língua portuguesa.

Em colaboração com a *London School of Hygiene and Tropical Medicine*, terminou

a disposição do inquérito sobre a percepção da COVID-19 em África, mas ainda não foram disponibilizados os detalhes desse inquérito.

No domínio laboratorial, foram realizadas ações de mentoria em três países: na Etiópia, no Instituto Nacional de Saúde Pública; na Nigéria, no seu CDC; e no Senegal, no Instituto Pasteur de Dakar.

O 12º webinar sobre vigilância foi sobre "*Sero-survey studies and their contribution in generating evidence to guide COVID-19 response*". No dia 22 de julho, terá um outro webinar sobre "*Genomic surveillance in Africa*".

O CDC África está a trabalhar com as partes interessadas para desenvolver uma **recomendação política de alto nível** a fim de orientar os Estados-Membros da União Africana para o reinício das viagens. A referida política deverá cobrir as medidas de saúde pública necessárias para limitar a transmissão nos meios de transporte terrestre, marítimo e aéreo.

OMS/AFRO⁵

A Organização Mundial da Saúde (OMS) apelou para um maior acesso à deteção, testes e cuidados COVID-19 entre as populações vulneráveis que enfrentam os impactos de conflitos prolongados e emergências humanitárias em toda a África.

A África Subsaariana é o lar de mais de 26% dos refugiados do mundo. Os conflitos de longa duração em regiões como o Sahel levaram ao encerramento de instalações de saúde e à fuga de trabalhadores da saúde. No Burkina Faso, 110 estabelecimentos de saúde foram encerrados devido à insegurança, enquanto os serviços foram prejudicados em 186 outros, deixando cerca de 1,5 milhões de pessoas sem cuidados de saúde adequados. Nas regiões central e norte do Mali, os serviços de saúde têm sido paralisados por ataques persistentes. Só em 2019, foram relatados 18 ataques a instalações de saúde. Em 2020 até agora, um centro de saúde foi atacado.

"A COVID-19 exacerbou os desafios humanitários existentes, particularmente no que diz respeito ao acesso aos serviços de saúde em muitos países da região", disse a Diretora Regional da OMS para África. "Com a pandemia, temos visto algumas operações humanitárias atrasadas devido a bloqueios, toque de recolher e restrições de circulação tanto para o pessoal como para a carga vital para a resposta à COVID-19".

Situações de aglomeração como os campos de deslocados podem aumentar o risco de transmissão devido ao difícil acesso à água limpa, levando a uma higiene inadequada e onde o distanciamento social é quase impossível.

⁴ https://au.int/sites/default/files/documents/38856-doc-africacdc_covidbrief_14july20_en_final.pdf

⁵ <https://www.afro.who.int/news/who-urges-greater-covid-19-health-services-africas-humanitarian-settings>

O sistema das Nações Unidas ativou *clusters* de saúde em oito países onde a situação humanitária requer o apoio da comunidade internacional, incluindo o Burkina Faso, a República Centro Africana, o Chade, a República Democrática do Congo, a Etiópia, o Mali, o Níger e o Sudão do Sul. Embora as informações sobre a transmissão da COVID-19 em cenários humanitários permaneçam limitadas até agora, cerca de 1800 casos de COVID-19 foram relatados em sete desses países entre deslocados, refugiados, migrantes ou em áreas afetadas por crises humanitárias. Devido à limitada capacidade de detecção e teste, é provável que o número seja subestimado.

A OMS desenvolveu orientações sobre a adaptação da mitigação da pandemia em locais de acampamento ou semelhantes, recomendando exames de saúde para pessoas que chegam a locais coletivos e centros de isolamento temporário para casos suspeitos. A OMS aconselha que atividades como distribuição de alimentos ou educação sejam ajustadas para limitar a concentração em massa e reforçar a prevenção e controle de infecções.

As Nações Unidas estão implementando o Plano Global de Resposta Humanitária para a COVID-19 para combater a pandemia em países que enfrentam situações humanitárias. O plano identifica formas de abordar as necessidades imediatas de saúde e não sanitárias relacionadas com a COVID-19 para as populações mais vulneráveis através da saúde, água, saneamento, higiene, alimentação e agricultura, logística, educação e proteção. Dos 63 países abrangidos pelo plano, 20 estão em África.

Juntamente com o Fórum Económico Mundial, a OMS realizou no passado dia 17 uma conferência de imprensa virtual com em que participaram: a Diretora Regional; o Ministro da Saúde e da População da República Centro-Africana; o Diretor Regional para a África do Comité Internacional da Cruz Vermelha; e uma refugiada do Sudão do Sul no campo de Dadaab, no Quênia.

Resposta da Europa à COVID-19

“É uma negociação muito difícil, porque não se trata apenas de muito dinheiro, mas também de uma mudança nos contornos da União Económica e Monetária, porque é a primeira vez que a União Europeia pede dinheiro emprestado para conceder empréstimos a países. É uma completa mudança em termos de funcionamento. A questão também está relacionada com uma partilha da soberania e é por isso que é tão difícil”⁶.

Guntram Wolff
Diretor - think tank Bruegel

O destaque dessa semana foi a reunião dos líderes em Bruxelas, que começou na sexta 17/07 e seguiu em impasse por cinco dias. Os presidentes e primeiros-ministros europeus se encontraram pessoalmente em Bruxelas, de maneira bi ou multilateral, mesmo depois de meses de reuniões online entre Conselho, seu Presidente e Estados-membros, conforme comentamos em edições anteriores.

Com a aprovação do pacote de 1,8 bilhões de euros, o multilateralismo sai vitorioso com o fechamento exitoso da reunião do Conselho em Bruxelas, reforçando os princípios da solidariedade e da cooperação. As intensas negociações preliminares que sucederam a reunião não foram suficientes para abreviar os concomitantes encontros bi e multilaterais que custuraram os arranjos, acomodando os diferentes interesses em jogo. Conforme editorial do Le Figaro de 22/07/2020, a aproximação entre os países do Norte e do Sul, celebra a união como o melhor caminho para enfrentar as estratégias hegemônicas dos EUA e da China.

A unanimidade como processo decisório foi um fator que trouxe dificuldade para o sucesso da reunião, que congrega Estados com diferentes tradições e orientações políticas e econômicas almejando um plano de recuperação inédito. Esta reunião tem sido comparada com as reuniões de fundação da UE e da criação do euro. O modelo de financiamento é disruptivo, via endividamento comum, coisa que muitos membros rechaçavam há tempos. Outra característica apontada é a fragmentação por blocos de países afins, que nunca foi tão sonora⁷.

A unanimidade como processo decisório se coloca como dúvida para as próximas etapas, inclusive decisões sobre as transferências que demandam aprovação do comitê econômico e financeiro⁸

Os países do norte, os frugais, até aceitavam a ideia, mas queriam que um projeto menos ambicioso⁹. Os temas mais polêmicos foram o volume do fundo, a governança dos desembolsos e descontos para os contribuintes “líquidos” (*netos*).

Foram muitas discordâncias superadas dentro da União Europeia:

- ✓ Países frugais (Áustria, Dinamarca, Suécia e Países Baixos), países do norte liderados pelo primeiro-ministro holandês que ganhou destaque, Mark Rutte, e que ganharam a companhia da Finlândia nas negociações, pressionaram para que o fundo servisse para reformas econômicas, para a diminuição do subsídio proposto originalmente pela Comissão de 500 bilhões de euros, para a possibilidade de fiscalização de aplicação dos recursos liberados;

⁶ <https://pt.euronews.com/2020/07/20/quarto-dia-de-intensas-negociacoes-em-bruxelas>

⁷ El País, 20/07/2020. Opinião: difícil parto

⁸ <https://pt.euronews.com/2020/07/21/acordo-europeu-nao-dissipa-todas-as-duvidas>

⁹ El País, 19/07/2020.pdf

- ✓ Países do sul (Espanha, Itália, Grécia e Portugal) não queriam cláusulas ligadas às suas economias;
- ✓ Países de Visegrado (Hungria, Polónia, República Tcheca e Eslováquia): a Polónia diz não aceitar cláusulas ligadas ao meio ambiente; Hungria e a Polónia se opõem ao condicionamento da distribuição de fundos da EU ao respeito pelo princípio do Estado de Direito, regra proposta pela Comissão Europeia para evitar que governos violem princípios como a liberdade de expressão ou a independência do sistema judicial. Os principais opositores, Hungria e Polónia, enfrentam processos por violação do Estado de Direito¹⁰.

A reunião durou cinco dias e se encerrou com um acordo com condições mais exigentes¹¹. O montante destinado a ser distribuído como doação foi a 390 bilhões, em detrimento dos 500 iniciais e o montante de empréstimos passou de 250 bilhões para 360 bilhões. Le monde chamou de negociação à fórceps¹², El País fala em “difícil parto”¹³. Além de toda essa dificuldade, o presidente do Parlamento Europeu, David Sassoli, lembrou aos líderes da UE que o acordo alcançado deve estar à altura das condições do [Pacto Ecológico](#) e da defesa do estado de direito. Sem isso, ameaçou, os deputados europeus não darão o seu consentimento ao acordo¹⁴.

A Holanda pede direito de veto para frear desembolsos de ajudas caso algum país tenha dúvida sobre o cumprimento das reformas estruturais financiadas com os subsídios comunitários, o que encontra muita rejeição entre os demais membros. Para atender a esta demanda o Conselho sugere uma espécie de freio de emergência que permitiria qualquer membro interromper o fluxo de subvenção até que uma reunião do Conselho delibere. O primeiro-ministro holandês, Mark Rutte, se destacou na reunião por suas posições firmes, que trazem divergências profundas e amargas. Argumenta-se que Rutte está preocupado com as eleições, que acontecem em 8 meses, para as quais ele conta com maioria e sondagens de opinião que mostram que a população holandesa o apoia nestas questões, motivo pelo qual se manteve firme. Outro que se destacou com relação ao não andamento das negociações foi o primeiro-ministro húngaro que ameaçava vetar um acordo que condicionasse a concessão de fundos ao estado de direito¹⁵.

Quem ganhou? Os países frugais, que reduziram suas contribuições¹⁶ e o montante destinado à subvenção; os países do sul, que receberão apoio para reconstrução de suas economias; o multilateralismo!

Quem perdeu?¹⁷ A transição energética e o Acordo de Paris – Fundo para transição justa destinado a ajudar os estados membros mais afetados a ajudar a reduzir as emissões poluentes e a dependência de carvão. Com o novo orçamento, a transição ecológica perde dinheiro, ao invés de 30 bilhões de euros, passará a 10 bilhões de euros. A pesquisa também sai prejudicada, com o orçamento do Horizon, reduzido de 13 para 5 bilhões de euros. O programa EU4health, criado para desenvolver um sistema de saúde mais resiliente, também terá seus recursos cortados 9,4 para 1,7 bilhões de euros.

¹⁰ <https://pt.euronews.com/2020/07/17/cimeira-da-ue-debate-regra-do-respeito-pelo-estado-de-direito>

¹¹ El País, 19/07/2020.pdf

¹² Le_Monde_-_21_Juillet_2020.pdf

¹³ El País, 20/07/2020.pdf

¹⁴ <https://pt.euronews.com/2020/07/20/quarto-dia-de-cimeira-em-bruxelas-sem-acordo>

¹⁵ <https://pt.euronews.com/2020/07/20/ha-clivagens-profundas-no-seio-da-uniao-europeia>

¹⁶ <https://pt.euronews.com/2020/07/21/vencedores-e-vencidos-em-bruxelas>

¹⁷ <https://pt.euronews.com/2020/07/22/os-setores-mais-prejudicados-no-novo-orcamento-europeu>

Também essa semana, a OMS/Europa, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) lançaram um novo documento de política interinstitucional com o objetivo de fortalecer a proteção social, ou seja, salvaguardar a saúde, o bem-estar e os meios de subsistência em resposta e durante a recuperação da pandemia de Covid-19¹⁸. A publicação defende que a pandemia deu uma oportunidade para que medidas sejam tomadas para que ninguém fique para trás nos planos de respostas e recuperação de seus países. O Diretor Regional da OMS/Europa, Dr. Hans Henri P. Kluge, palestrou no lançamento: "Na OMS, gostamos de imaginar essa nova economia como uma 'economia de bem-estar'. Com isso, queremos dizer uma economia que coloca as pessoas no centro, fornece uma rede de segurança para todos e contribui para a sustentabilidade ambiental, e onde a saúde pública é vista como uma salvaguarda dos meios de subsistência."

A Comissão Europeia lançou um comunicado¹⁹ sobre "Preparação para a saúde em curto prazo na EU", a fim de que o bloco esteja pronto para possíveis novos focos da Covid-19. A Comissão está buscando apoiar medidas para que o rastreamento de casos de Corona vírus se torne interoperável entre os membros da EU, operando através de uma infraestrutura de TI segura. Esse plano de interoperabilidade faz parte das novas orientações sobre medidas de saúde pública e assistência médica como testes, vigilância e preparação entre os países da União Europeia²⁰.

El País Madrid noticia que o Corona vírus está crescendo de novo na Europa, explicando que 28 dos 55 países que compõem a OMS/Europa registraram alta de casos nos últimos 14 dias, alcançando 3 milhões de casos e passando de 207.000 mortes. Os dados do CDC Europa, complementam a foto com as mortes por 100.000 habitantes nos últimos 14 dias, lideradas por Luxemburgo, Suécia, Portugal, Bulgária e Romênia. O CDC estuda menos países que a OMS, 31 de 55, motivo pelo qual sua estatística de casos chega a 1,6 milhões²¹.

El coronavirus en Europa

Total de casos y fallecidos a 19 de junio y tasa por cada 100.000 habitantes

	Casos	Cada 100.000 habitantes en los últimos 14 días	Muertos	Cada 100.000 hab. (últimos 14 días)
Luxemburgo	5.409	152	111	0,2
Suecia	77.281	57,3	5.619	1,5
Portugal	48.390	46,9	1.684	0,8
Bulgaria	8.638	42,3	299	0,8
Rumania	36.691	41,8	2.009	1,4
Croacia	4.235	28	120	0,2
España	260.255	20,7	28.420	0,1
Islandia	1.922	17,4	10	0
Bélgica	63.706	15,7	9.800	0,3
Austria	19.508	14,8	711	0,1
Reino Unido	294.066	13,8	45.273	1,6
Rep. Checa	13.855	13,3	358	0,1
Eslovenia	1.940	12,5	111	0
Francia	174.674	11,5	30.152	0,4
Polonia	39.746	10,6	1.618	0,3
Alemania	201.574	6,3	9.094	0,1
Países Bajos	51.526	6	6.129	0,1
Dinamarca	13.173	5,9	611	0,1
Liechtenstein	86	5,2	1	0
Irlanda	25.750	4,9	1.753	0,2
Italia	244.216	4,6	35.042	0,3
Grecia	3.983	4,4	194	0
Eslovaquia	1.976	4,2	28	0
Chipre	1.037	4,0	19	0
Letonia	1.189	3,4	31	0
Lituania	1.915	3,0	80	0
Noruega	9.015	2,3	255	0,1
Estonia	2.021	2,1	69	0
Hungria	4.315	1,4	596	0,1
Finlandia	7.318	0,9	328	0
Malta	674	0,4	9	0
Total	1.620.084		180.524	

Fuente: ECDC. EL PAÍS

¹⁸ <https://www.euro.who.int/en/about-us/partners/news/news/2020/7/whoeurope-joins-unicef-and-ilo-to-launch-a-new-policy-paper-on-social-protection-in-europe-and-central-asia>

¹⁹ https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/communication_short-term_eu_health_preparedness.pdf

²⁰ <https://eurohealthnet.eu/newsletter-article-hh/july-2020/health-headlines>

²¹ El País Madrid, 20/07/2020.pdf

O uso obrigatório de máscara cresce na Europa depois da OMS ter admitido que o novo Corona vírus pode ser transmitido pelo ar²². A obrigatoriedade (ou não) do uso da máscara têm sido uma questão noticiada pelos jornais²³²⁴.

Em alguns países da Europa, os cidadãos são chamados a permanecer em suas casas para retardar a retomada da epidemia. Barcelona, por exemplo, tem enfrentado um aumento nos casos de Covid-19 há alguns dias²⁵. Assim, o governo regional anunciou o fechamento de cinemas, teatros, boates e proibiu a reunião de mais de dez pessoas, além da visita a lares de idosos. Também limitou a capacidade dos bares e restaurantes em 50%. Em Lisboa, 700.000 habitantes de aproximadamente 20 bairros estão em *lockdown*. A Irlanda começou a sua reabertura no dia 13 de julho, mas adiou a fase final para 10 de agosto. A Hungria proibiu o acesso ao seu território aos nacionais de países da África, a América do Sul, alguns países europeus e a maioria dos países asiáticos. A Suécia, que foi na contramão dos outros países ao ser menos rígida quanto às medidas de contenção, agora tem números quase recordes de novos casos na União Europeia, com uma proporção de contágio seis vezes superior à média da UE.

²² <https://pt.euronews.com/2020/07/20/recurso-a-mascara-propaga-se-pela-europa-no-contrataque-a-covid-19>

²³ [Le_Figaro_-_17_Juillet_2020.pdf](#)

²⁴ [The_Guardian_Weekly_-_17_July_2020.pdf](#)

²⁵ https://www.lemonde.fr/international/article/2020/07/17/coronavirus-dans-le-monde-israel-retablit-des-mesures-de-restrictions-durant-les-week-ends_6046459_3210.html

RESPOSTAS DA ÁSIA SUDESTE, PACÍFICO OCIDENTAL E ORIENTE MÉDIO À COVID-19

Lúcia Marques

Redes de hackers. Espionagem russa. Novas peças no jogo geopolítico da Covid-19. Alguns países estão avançando no desenvolvimento da vacina que pode agilizar a retomada econômica e comercial em todo o mundo e quem chegar primeiro nessa corrida poderá vincular a vacina a acordos comerciais importantes para o pós-Covid. E por isso a acusação do Centro Cyber de Segurança do Reino Unido, em conjunto com EUA e Canadá, de que o grupo *Cozy Bear*, rede de hackers ligados aos serviços de inteligência russa, estava espionando as pesquisas de vacina ganhou repercussão, inclusive diplomática. Rússia nega e anuncia sucesso nos ensaios da vacina que está desenvolvendo - os testes foram realizados no Hospital Militar Central Burdenko, em Moscou, em conjunto com o Centro Nacional de Epidemiologia e Microbiologia Gamaleya.

Globalmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) está rastreando cerca de 140 vacinas candidatas, das quais cerca de duas dúzias estão em várias fases de ensaios clínicos em humanos.

Pelo menos sete empresas farmacêuticas **indianas** estão trabalhando para desenvolver uma vacina contra o coronavírus, *Bharat Biotech, Serum Institute, Zyclus Cadila, Panacea Biotech, Indian Immunologicals, Mynvax, Biological E, AIIMS (All India Institute of Medical Sciences) Patna* – que já iniciou testes em humanos. Além disso, o principal Instituto de Sorológico da Índia, líder em vacinas no país, firmou parceria com a AstraZeneca Oxford para produção da vacina. A vacina produzida será para a própria Índia e para países de média e baixa renda. O instituto faz parte da *Coalition for Epidemic Preparedness Innovations (CEPI)*, da qual Biomanguinhos faz parte.

A vacina **chinesa** contra o coronavírus, produzida pelo laboratório Sinovac-Biotech que será testada no Brasil em parceria com o Instituto Butantã, já chegou ao Brasil. São 20 mil doses que serão distribuídas em 12 centros de seis estados – São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Os primeiros a receber serão os profissionais de saúde. Para a China, conseguir uma vacina Covid-19 é uma questão de orgulho nacional em jogo. O presidente Xi Jinping prometeu que qualquer vacina fabricada na China seria um bem público global. São oito os estudos com potencial, dois deles estão bastante adiantados.

Austrália está também anunciou uma vacina promissora, desenvolvida pela Universidade de Queensland, e já iniciou testagem em humanos, que será produzida pela *Commonwealth Serum Laboratories (CSL)*. A produção será simultânea à testagem final, como no caso da vacina da AstraZeneca Oxford no Brasil: produção acontece simultaneamente à fase final de testagem.

Cenário diplomático, político, econômico e de segurança

Os países que têm no petróleo sua principal fonte de renda estão vendo sua riqueza cair com o confinamento, consequência da COVID-19. O preço do petróleo já estava em baixa antes da pandemia; agora, com queda no consumo na medida que as pessoas pararam – o ar chegou a ficar mais limpo em algumas cidades - o preço despencou. **Omã, Kuwait e Arábia Saudita** já estão queimando suas reservas., cortando gastos e até mesmo tomando empréstimos. Alguns já vinham buscando alternativas para substituir a renda proveniente do petróleo, uma vez que o mundo já vinha buscando alternativas aos combustíveis fósseis. A Arábia Saudita traçou um plano Visão 2030, melhorando infraestrutura para atrair turistas e a realização de grandes eventos culturais. Com a pandemia, isso caiu por terra.²⁶ Outra consequência da queda da produção do petróleo na região foi o retorno dos trabalhadores migrantes nos “oleosos” países vizinhos.

²⁶ <https://www.economist.com/leaders/2020/07/18/with-oil-cheap-arab-states-cannot-balance-their-books>

Aumento de impostos, cortes de salário e propostas de privatizações são algumas das soluções propostas pelos governos, mas não são bem recebidas pelo povo, com muitos desempregados. E manifestantes começam a ir às ruas.

E mesmo depois da pandemia, os preços não devem melhorar rapidamente, portanto os países precisam se mexer mais rápido. E os estados árabes que costumavam se ajudar, estão deixando de fazer, seja pela queda na economia, seja por seus posicionamentos nos conflitos regionais. A política Donald Trump afastou os EUA da região. Rússia reduziu seu interesse para garantir o porto sírio, no Mediterrâneo. Situação perfeita para a China investir mais na região.

Uma outra consequência num futuro não tão distante envolve a insegurança alimentar na região. Os países árabes são grandes compradores de alimentos. O alerta vem da Rede Global Contra a Crise Alimentar, aliança das Nações Unidas e agências parceiras. A pandemia do COVID-19 poderia levar 265 milhões de pessoas à insegurança alimentar e desnutrição. Os conflitos (cerca de 77 milhões de vulneráveis estão nas regiões de conflitos), a queda na economia e as consequências das mudanças climáticas – praga de gafanhotos, seca, por exemplo, podem piorar a situação.²⁷

Dos países árabes, os **Emirados Árabes** vêm conseguindo manter a economia – acabam de lançar um novo pacote financeiro para ajudar a diminuir os efeitos econômicos da pandemia. Outro lançamento que ganhou as mídias esta semana foi o da sonda HOPE, do porto espacial do Japão. Os EAU planejam se tornar um ator importante na indústria espacial; será um impulso para os negócios, segundo o ministério da Economia Digital, Inteligência Artificial e Sistema de Trabalho Remoto. A sonda HOPE vai percorrer 495 milhões de quilômetros e deve chegar a Marte em fevereiro de 2021, coincidindo com o aniversário de 50 anos da formação dos emirados. A sonda vai estudar a atmosfera marciana.

Apesar da dependência econômica entre **China e EUA**, as tensões entre os dois países caminham para uma nova Guerra Fria e há temores que avance para uma guerra “quente”. O presidente americano vem trabalhando para aumentar a rejeição à China e à gigante das telecomunicações, Huawei, da tecnologia 5G. Esse agravamento de cenário pressiona a **Índia**, que precisará se decidir se vai aderir à RCEP (Parceria Econômica Global Abrangente Regional), uma organização de livre comércio, liderada pela China que poderá ser lançada até o final do ano. As empresas indianas são quase totalmente contra, mas os diplomatas indianos são a favor. Isso merece mais estudo.

Desde o início da pandemia, a **Índia** sempre enxergou as janelas de oportunidades advindas da crise econômica e sanitária e das tensões entre China e EUA, e vem usando sua capacidade de tecnologia digital - seja medicina, telemedicina, comércio eletrônico, logística – sua capacidade em setores chaves, como farmacêutica e manufatura para se tornar um fornecedor confiável de serviços e suprimentos e também para atrair investidores e empresas para gerar empregos e mover a economia. Microsoft, Google, Facebook, Amazon são exemplo de empresas que estão investindo no país de Modi. O mercado digital deu um rápido salto em função da Covid-19 – home office, aulas on-line, vídeo conferências, e pagamentos digitais são só um exemplo. **Bill Gates**, no documentário *COVID-19: Guerra contra o vírus na Índia* - que estreou no canal *Discovery Plus* - falou da força e da capacidade da indústria farmacêutica da Índia, cujas empresas de medicamentos e vacinas são grandes fornecedores para o mundo inteiro. A Fundação Bill e Melinda Gates tem estabelecido várias parcerias com o governo Indiano.

²⁷ https://www.brookings.edu/blog/future-development/2020/07/14/middle-east-food-security-amid-the-covid-19-pandemic/?utm_campaign=brookings-comm&utm_medium=email&utm_content=91603800&utm_source=hs_email

O PM **da Índia** foi cobrado pelo Congresso a esclarecer sua última declaração de que não havia invasão chinesa na fronteira do Himalaia e que tudo estava prestes a se resolver. Os parlamentares apresentaram imagens de satélites que mostram não só presença militar chinesa em território indiano, mas também construções na área. A pressão sobre o primeiro ministro está grande, pois ele também está sendo acusado de manipular informações sobre casos de COVID-19²⁸, por restrição de testagem, e por manipulação de PIB usando um novo método de cálculo para ocultar que a dívida da Índia em relação ao PIB disparou até 87,6%.²⁹

As relações entre **Índia e Nepal** não são de amores, sim de dependência, e vinham ficando tensas em função de ações da Índia junto à fronteira e de reivindicações de território. O investimento chinês em infraestrutura no país ajudou a aumentar a tensão. E acaba de ficar mais estremeçada: guardas da fronteira do Nepal atiraram e feriram um fazendeiro indiano que descuidadamente ultrapassou a fronteira.

O Primeiro Ministro de **Israel**, Netanyahu, perdeu o controle da pandemia COVID-19 e vem sendo alvo de inúmeras manifestações populares. As medidas iniciais foram eficazes, mas centralizadas por ele; na medida em que seus interesses mudaram de rumo, como a anexação da Cisjordânia, as ações para o controle da pandemia no país, que enfrenta uma segunda onda depois da abertura, foram relegadas. Agora, diante da cobrança da população, o PM cogita indicar o chefe do Mossad, Yossi Cohen, serviço secreto israelense, para liderar a resposta nacional à pandemia – depois que vários funcionários recusaram a oferta. Cohen esteve envolvido nos estágios iniciais da resposta à pandemia do país, com sua agência de espionagem responsável por trazer muitos ventiladores e outros equipamentos médicos a Israel.

Cenário epidemiológico da semana

O mundo registra um novo recorde de novos casos da COVID-19 em 24 horas (dia 19/07), segundo OMS. E os maiores aumentos foram registrados nos EUA, Brasil, África do Sul e Índia. Em todo o mundo, já foram registrados mais de 14,5 milhões de infecções e mais de 606 mil óbitos, segundo Universidade Johns Hopkins³⁰. Mais de 210 países e territórios registraram infecções desde o primeiro caso reportado na China, em dezembro de 2019.

A **Austrália** vive a segunda onda e os casos explodiram no Estado de Vitória, principalmente na cidade de Melbourne, cujos primeiros casos envolveram seguranças e pessoas em quarentena. Os casos se espalharam depois dos protestos *Black Lives Matter*. O governo ampliou o lockdown e fechou fronteiras entre os estados vizinhos.

Pesquisadores **indianos** denunciam que existe pressão para ocultar as informações sobre a transmissão comunitária e que ausência de testes e erros de triagem, confundindo a Covid-19 com Influenza, contribuíram para alimentar a propagação da epidemia, induzindo complacência ao invés de maior vigilância.

Israel registra um grande aumento de pacientes graves – em 24h passaram de 32 para 252 casos. O país vive entre o colapso econômico e aluta contra a COVID-19. Israel manterá a fronteira fechada até setembro.

²⁸ Pesquisadores indianos denunciam que existe pressão para ocultar as informações sobre a transmissão comunitária e que ausência de testes e erros de triagem, confundindo a Covid-19 com Influenza, contribuíram para alimentar a propagação da epidemia, induzindo complacência ao invés de maior vigilância.

²⁹ O modelo econômico da Índia se baseia no crédito direto ao consumidor; com a crise econômica os financiamentos caíam e conseqüentemente os fundos.

³⁰ <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

O **Irã** é o país na região com o maior número de casos, mas as autoridades da saúde informaram que o uso de testes sorológicos levou a contabilizar duas vezes a mesma pessoa.

Turquia suspende voos para Irã e Afeganistão para tentar controlar surto.

Singapura registra queda no número médio de casos pelo oitavo dia consecutivo. E a maior instalação de dormitórios, com 16 mil trabalhadores migrantes, foi considerada livre da COVID-19. São agora 69 dormitórios livres do coronavírus, cujos trabalhadores já podem voltar ao trabalho. O governo segue monitorando, testando e rastreando os contatos dos casos confirmados. A informação clara das autoridades da saúde contribui para o controle: o ministério da saúde fornece a lista de locais e horários em que os pacientes infectados do Covid-19 visitaram por pelo menos 30 minutos para que aqueles que estavam nesses locais em períodos específicos monitorem sua saúde de perto por duas semanas a partir da data da sua visita.

Hong Kong está enfrentando a maior onda do coronavírus e não está preparada. Será uma semana crucial para o sistema de saúde pública que já está com a capacidade no limite. O surto está afetando as pessoas mais idosas, o que resulta em casos mais graves. Especialistas apontam para falhas na gestão de chegadas estrangeiras, exigências de quarentena frouxa e testes limitados que permitiram que o vírus se propagasse em toda a comunidade. Governo local pede que as empresas privadas sigam o exemplo do governo e coloquem seus funcionários em home office

A **Indonésia** registra novo epicentro em Java Oriental, com muitos casos de óbitos. Dois fatores contribuíram: houve um descuido em diagnosticar os casos sem testagem suficientes e a população não levou muito a sério a gravidade da doença, continuando a se reunir em locais públicos e desrespeitando as regras de distanciamento social. O presidente, Joko Widodo, assinou um regulamento presidencial para formar um novo Comitê Nacional de Mitigação e Recuperação Econômica dos Covid-19, com o objetivo de ressuscitar a economia e enfrentar uma onda de novos casos. A nova equipe, que trabalhará junta, foi incumbida de lidar com uma série de questões, incluindo o monitoramento da disponibilidade de equipamentos de teste e o desenvolvimento das vacinas Covid-19.

A Universidade Hebraica, em **Israel**, anunciou que um medicamento, aprovado para uso no tratamento de excesso de lipídios, pode ser eficaz no tratamento contra o SARS-CoV-2. Os testes em células foram eficazes e agora precisam testar em humanos.

Já há algum tempo, **Israel** negociou com a americana Moderna a compra da vacina contra a COVID-19. Mas só agora o governo se deu conta que vai precisar de seringas para aplicação da vacina e pode não haver suficientes no mercado: EUA, Canadá e União Europeia já compraram milhões de seringas.

A empresa farmacêutica global Mylan lançou o Remdesivir na **Índia** sob a marca DESREM, O medicamento é aprovado para o tratamento de incidências suspeitas ou confirmadas em laboratório de Covid-19 em adultos e crianças hospitalizadas com infecção grave. Também produzem o Remdesivir genérico, os laboratórios indianos Hetero Labs e pela Cipla.

OMS Região Ásia Sudeste*					
País	22/06 (óbitos)	28/06 (óbitos)	06/07 (óbitos)	12/07 (óbitos)	21/07 (óbitos)
Índia	495.282 (13.699)	528.859 (16.475)	697.413 (19.693)	878.254 (23.179)	1.155.354 (28.084)
Indonésia	46.845 (2.500)	54.010 (2.805)	64.958 (3.241)	75.699 (3.606)	89.869 (4.320)

Tailândia	3.151 (58)	3.162 (58)	3.195 (58)	3.217 (58)	3.255 (58)
Bangladesh	115.786 (1.502)	137.787 (1.783)	165.618 (2.096)	183.795 (2.352)	210.510 (2.709)
OMS Região Pacífico Ocidental					
China	84.573 (4.639)	84.745 (4.641)	84.871 (4.641)	85.109 (4.641)	85.314 (4.644)
Rússia	591.465 (8.196)	633.542 (9.152)	686.777 (10.271)	727.162 (11.335)	782.040 (12.561)
Coreia do Sul	12.438 (280)	12.715 (282)	13.137 (284)	13.417 (289)	13.816 (296)
Austrália	7.474 (102)	7.686 (104)	8.586 (106)	9.797 (108)	12.428 (126)
Japão	17.813 (955)	18.366 (972)	19.842 (977)	21.839 (983)	26.428 (988)
Singapura	42.313 (26)	43.459 (26)	44.983 (26)	45.961 (26)	48.434 (28)
Nova Zelândia	1.513 (7)	1.526 (22)	1.534 (22)	1.544 (22)	1.555 (22)
Taiwan	446 (7)	447 (7)	449 (7)	451 (7)	451 (7)
Vietnam	349 (0)	355 (0)	369 (0)	372 (0)	396 (0)
OMS Região Mediterrâneo Oriental					
Irã	207.525 (9.742)	222.669 (10.670)	243.051 (11.731)	257.303 (12.829)	278.827 (14.634)
Paquistão	181.088 (3.590)	202.955 (4.167)	231.818 (4.762)	248.872 (5.197)	266.096 (5.639)
Arábia Saud	161.005 (1.307)	182.483 (1.551)	209.509 (1.916)	232.259 (2.223)	255.825 (2.557)
Emir Am Un	44.925 (302)	47.360 (313)	51.540 (323)	54.453 (333)	57.498 (341)
Qatar	88.403 (99)	94.413 (113)	100.345 (1330)	103.598 (147)	107.430 (160)
Afeganistão	29.143 (446)	30.967 (733)	33.190 (898)	34.451 (1010)	35.615 (1.186)
Kuwait	40.291 (330)	44.942 (350)	50.644 (373)	54.894 (390)	60.434 (412)
Israel	20.869 (307)	23.497 (319)	30.162 (332)	38.213 (362)	52.687 (422)
Turquia	187.685 (4.950)	195.883 (5.097)	205.758 (5.225)	211.981 (5.344)	220.572 (5.508)
Síria	219 (7)	256 (9)	372 (14)	394 (16)	522 (29)
Yémen	941 (256)	1.103 (302)	1.265 (338)	1.389 (417)	1.619 (447)
Iraque	30.868 (1.100)	43.626 (1.839)	60.479 (2.473)	77.506 (3.150)	97.159 (3.950)

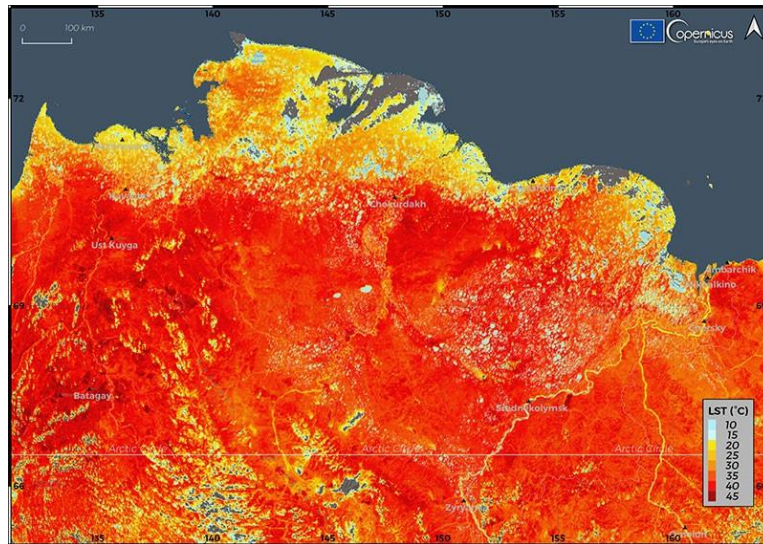
Obs.: As regiões somam juntas mais de 65 países, mas, para análise, o recorte foca os países com maior número de casos ou com melhores resultados de ações tomadas pelas autoridades nacionais.

Cenário do bem-estar social, segurança alimentar e mudanças climáticas

A ONU e agências de ajuda humanitária estão chamando a atenção para os campos de refugiados, alguns com situações precárias, com as pessoas em barracas, com acesso limitado a instalações de higiene. Até agora não houve um grande surto entre essas populações, mas à medida que os países começam a diminuir os bloqueios e se concentrar no reinício das economias, pode haver risco de infecção, pois o maior fator de proteção dos campos provavelmente foi o baixo índice de infecção em muitos dos países anfitriões. E o ACNUR cita o caso do assentamento Bazar de Cox, em **Bangladesh**, que não conseguiu evitar a pandemia de Covid-19. O campo abriga mais de 860.000 refugiados Rohingya, fugidos de Myanmar. Bangladesh registra 210.510 casos. **Turquia**, com 220.572 casos, e **Irã**, com 278.827 casos, abrigam quase 2 milhões de refugiados sírios

As monções continuam provocando inundações e dilúvios e matam dezenas no sul da Ásia: sul China, Índia, Bangladesh. As pessoas resgatadas estão amontoadas em abrigos improvisados, com risco de transmissão da COVID-19.

Partes **do Ártico** russo experimentaram altas temperaturas recorde nas últimas semanas. Este mapa de calor - produzido usando dados de um satélite europeu Sentinel-3 - mostra temperaturas do ar de até 45 ° C em alguns locais em 19 de junho. O calor tem sido associado ao degelo do permafrost, incêndios generalizados e enxames de mariposas que comem árvores na região. A preocupação aumenta, pois à medida em que o permafrost degela, o dióxido de carbono retido é liberado e realimenta o aquecimento, acelerando ainda mais o processo.



Credit: European Union, Copernicus Sentinel-3 imagery

https://www.nature.com/articles/d41586-020-01967-5?utm_source=Nature+Briefing&utm_campaign=6d59e2cbe7-briefing-dy-20200714&utm_medium=email&utm_term=0_c9dfd39373-6d59e2cbe7-45343762

Resposta da China à Covid-19

André Lobato

DIPLOMACIA

- Dúvidas na Casa Branca sobre as vantagens eleitorais de se dar continuidade ao combinado na Fase I do acordo comercial com Pequim.
- Wang Yi, chanceler chinês, diz à Cúpula com Países Árabes que a “China sempre estará com os países em desenvolvimento”.
- Marinha dos EUA leva os porta-aviões USS Nimitz e Ronald Reagan para local sensível no Mar do Sul da China. É a maior operação desde 2014, época do “pivot” asiático de Obama. Os chineses, porém, têm trabalhado seu sistema de mísseis ‘Vento do Leste’ e afirmam que os porta-aviões são desperdício de dinheiro.
- Xi afirma a líderes africanos que haverá cancelamento de dívidas e implementação de medidas estruturais conforme orientação feita até então pela OMS.
- Denúncias de funcionários e exposição na mídia sobre níveis de contaminação do novo vírus traz veto à exportação de três frigoríferos para China.

SANITÁRIA

- Mais uma vacina entra em fase de testes clínicos. Chamada Ad5-nCoV, foi desenvolvida pelo BIG (Beijing Institute of Biotechnology) com o Exército de Libertação Popular. As vacinas serão testadas nos militares.
- Sinopharm monta nova fábrica de vacinas em cem dias. Empresa estima capacidade total em 200 milhões de doses.
- UE restringe Brasil, mas abre reciprocidade para voos com China e outros países classificados de acordo com justificativas epidemiológicas.
- Esmaece o surto de junho de Pequim. Sem mortes. Em menos de um mês foram 335 transmissões locais, com 324 hospitalizações e 30 assintomáticos sob observação. Mais de 11 milhões de testes nucleicos. 54 comunidades saíram do isolamento compulsório.

SOCIOECONÔMICA

- Operações de agências de inteligência estrangeira em Hong Kong estão sendo desmontadas. Parte dos investimentos ia, por exemplo, para o desenvolvimento de APPs criptografados para os separatistas.
- “Seria simples fazer ‘um país um sistema’. Bastaria implementar as leis criminais, de processo, de segurança etc”, disse Zhang Xiaoming sobre a criação de uma legislação de segurança específica para a jurisprudência de Hong Kong.
- As três gigantes de aviação chinesa (Air, Eastern e Shouthern) receberam as aeronaves ARJ21. Primeira comercial do tipo, elas foram projetadas integralmente no país.
- Pequim lança seu plano de blockchain. Ele inclui pesquisa teórica e metas práticas, como a unificação de registros de imóveis e contas eletrônicas.
- A empresa de telecom ZTE, que desde uma conversa entre Xi e Trump estava fora das sanções, foi considerada pela Comissão de Comunicações dos EUA “nada menos do que uma ameaça a nossa segurança coletiva”. O Reino Unido volta a pender para o bloqueio à Huawei.
- As bolsas ‘tech’ têm tido ganhos diários, puxados pelo “otimismo” na China, diz o FT. Em um dia, Shenzhen e Xangai giraram ¥ 1.6 tri, batendo marca de 2015.